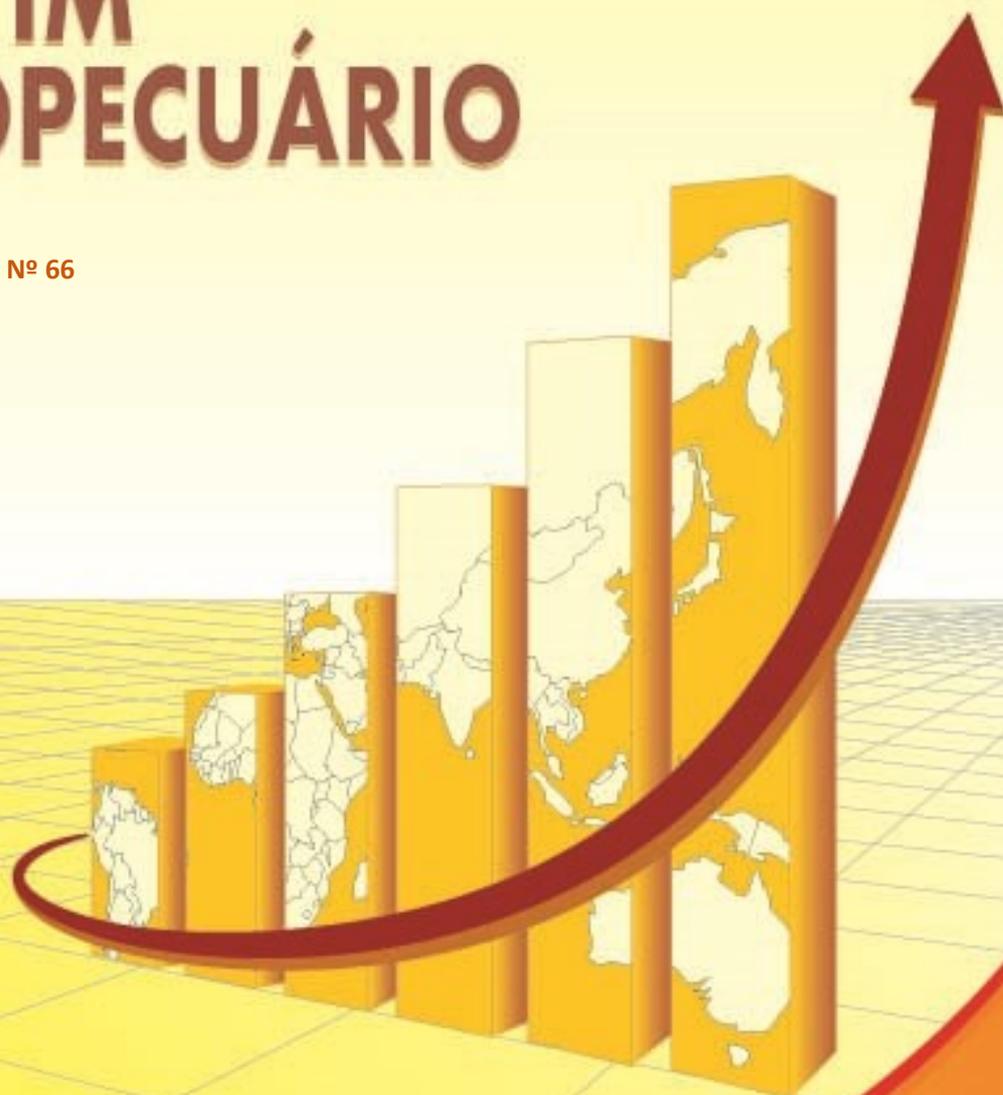


BOLETIM AGROPECUÁRIO

Novembro/2018 – Nº 66





Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Airton Spies

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reny Dorow



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl

Glaucia Padrão

Haroldo Tavares Elias

João Rogério Alves

Jurandi Teodoro Gugel

Tabajara Marcondes



Florianópolis

2018

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa

Gláucia Padrão – Epagri/Cepa

João Rogério Alves – Epagri/Cepa

Haroldo Tavares Elias – Epagri/Cepa

Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa

Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa

Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Andressa Bee – Caçador (UGT 10)

Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Léo Teobaldo Kroth – Epagri/Cepa

Marcia Mondardo – Epagri/Cepa

Maurício E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br//>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann

Presidente da Epagri

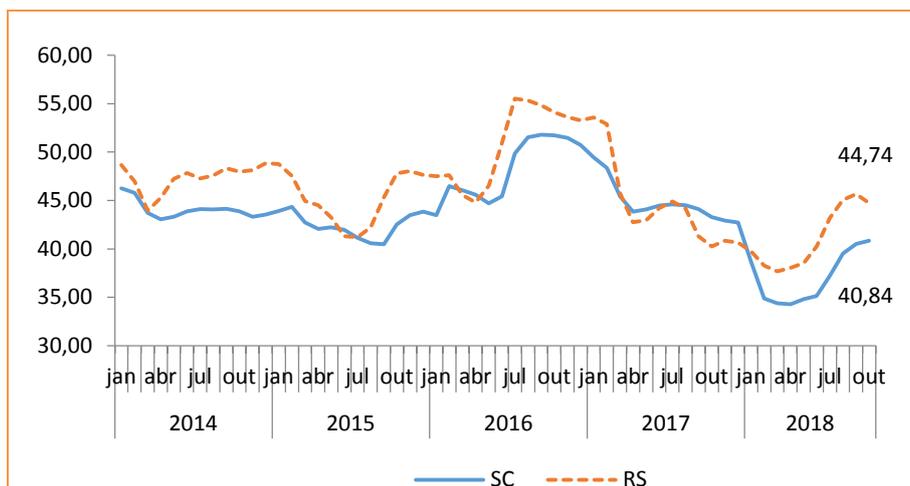
Sumário

Grãos	7
Arroz	7
Feijão	10
Milho.....	14
Milho - Silagem	18
Soja	21
Trigo.....	25
Hortaliças	28
Alho.....	28
Cebola.....	31
Pecuária	34
Avicultura.....	34
Bovinocultura	39
Suinocultura.....	43
Leite	49

Grãos

Arroz

Gláucia Padrão
Economista, Dr^a. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

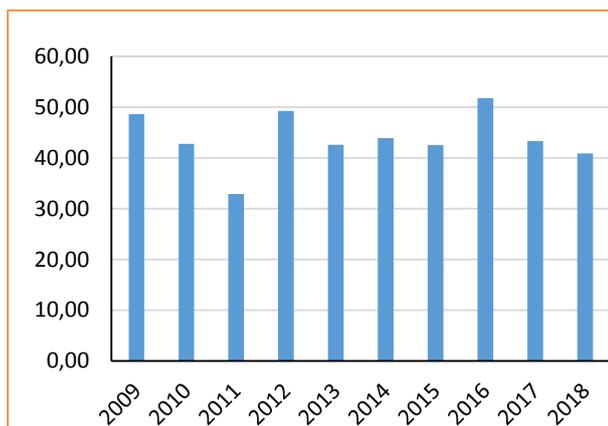


Fonte: Epagri/Cepa. e Cepea (RS)

Arroz irrigado – Evolução do preço médio real mensal ao produtor – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Jan./2014 a Out./2018) – R\$/sc 50kg

menores. No Rio Grande do Sul o comportamento observado foi de redução, fechando em R\$44,74. Contudo, não existem motivos aparentes para esta redução nos preços, uma vez que o período é de entressafra e os fundamentos de mercado sustentariam os preços nesses meses.

Após sucessivas altas no preço do arroz em Santa Catarina, em outubro a saca de 50kg apresentou crescimento menos expressivo do observado nos meses anteriores, fechando em R\$40,84. O período de entressafra e forte atuação no mercado externo sustentaram o preço no estado. Comparativamente ao mês anterior, os preços catarinenses estão 8,23% maiores, mas em relação aos preços do mesmo mês no ano anterior estão 5,65%



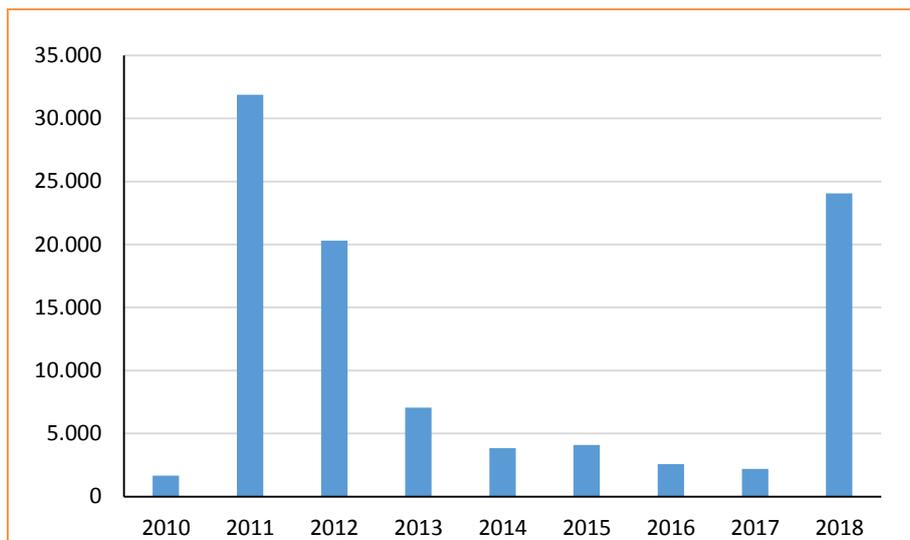
Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz em casca: Santa Catarina – Preço médio real no mês de outubro, de 2009 a 2018.



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz em casca: Santa Catarina – comparativo dos preços reais ao produtor nos meses de setembro e outubro de 2017 e 2018



⁽¹⁾ Acumulado de janeiro a outubro.

Fonte: Comexstat/MDIC.

Arroz: Santa Catarina – Valor das exportações de 2010 a 2018⁽¹⁾ - US\$ 1.000

No que diz respeito ao mercado externo, observa-se que a alta do dólar favoreceu as exportações catarinenses de arroz e seus derivados. De janeiro a outubro de 2018 foram exportados o equivalente a US\$ 24 milhões de arroz e derivados provenientes de Santa Catarina. Entre as causas desse valor expressivo está a crise vivida pela Venezuela, que fez com que houvesse uma forte procura pelo arroz brasileiro, em razão das sanções impostas pelos EUA, que resultaram na seguinte triangulação: a Venezuela vende petróleo à China e

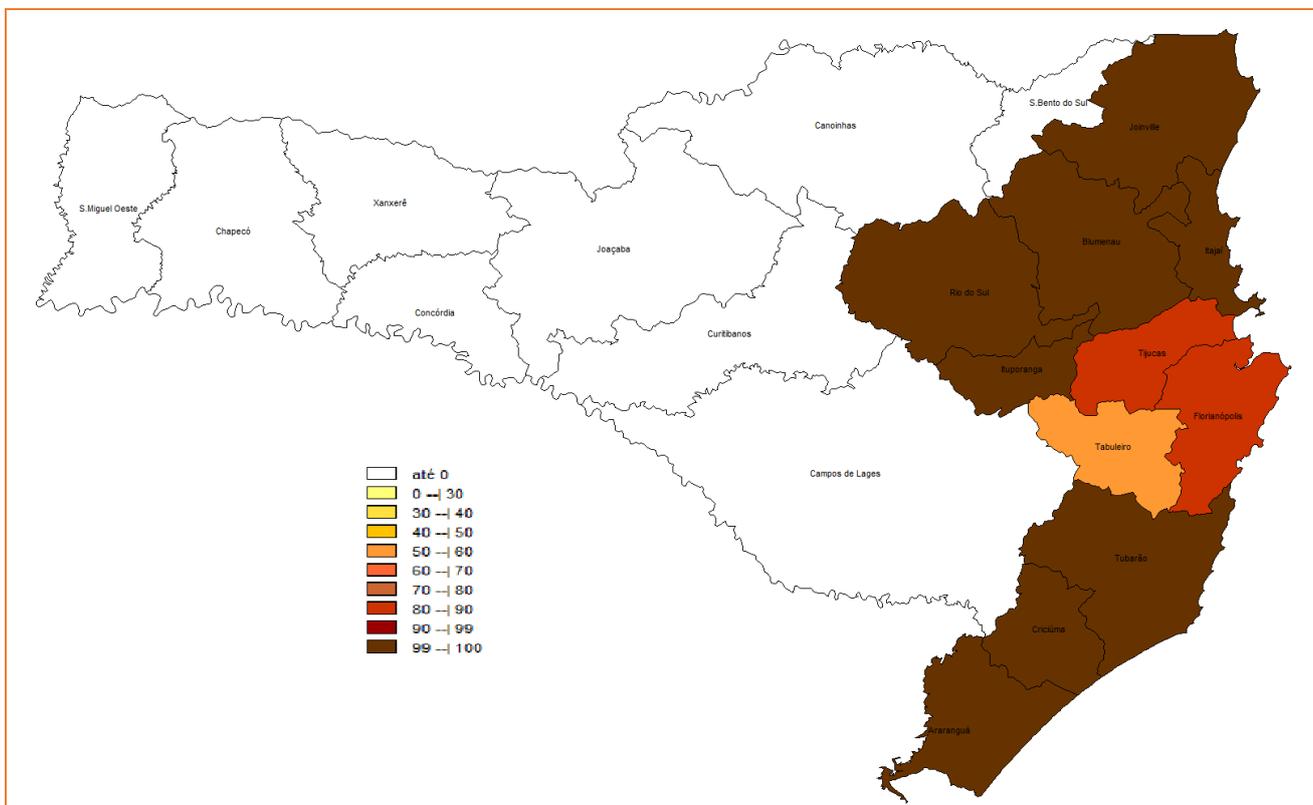
recebe em troca alimentos, em especial o arroz vindo do Brasil. Além da Venezuela, a África do Sul aumentou as importações com origem no estado, a fim de repor seus estoques públicos.

Arroz Irrigado: Santa Catarina – Comparativo das safras 2017/18 e 2018/19

Microrregião	Safrá 2017/18			Safrá 2018/19 Estimativa Atual			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.530	404.001	7.840	51.530	404.005	7.840	0,00	0,00	0,00
Blumenau	8.356	67.345	8.059	8.222	65.851	8.009	-1,60	-2,22	-0,63
Criciúma	20.857	162.944	7.812	20.813	162.586	7.812	-0,21	-0,22	-0,01
Florianópolis	2.660	17.336	6.517	1.950	14.825	7.603	-26,69	-14,48	16,65
Itajaí	9.111	73.128	8.026	9.196	78.910	8.581	0,93	7,91	6,91
Ituporanga	277	2.475	8.935	190	1.615	8.500	-31,41	-34,75	-4,87
Joinville	19.536	164.871	8.439	18.025	151.051	8.380	-7,73	-8,38	-0,70
Rio do Sul	10.702	95.926	8.963	9.692	84.438	8.712	-9,44	-11,98	-2,80
Tabuleiro	126	1.056	8.381	120	1.020	8.500	-4,76	-3,41	1,42
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.490	18.860	7.574	-7,43	-7,09	0,37
Tubarão	21.094	173.214	8.212	21.082	173.128	8.212	-0,06	-0,05	0,01
Santa Catarina	146.939	1.182.596	8.048	143.310	1.156.288	8.068	-2,47	-2,22	0,25

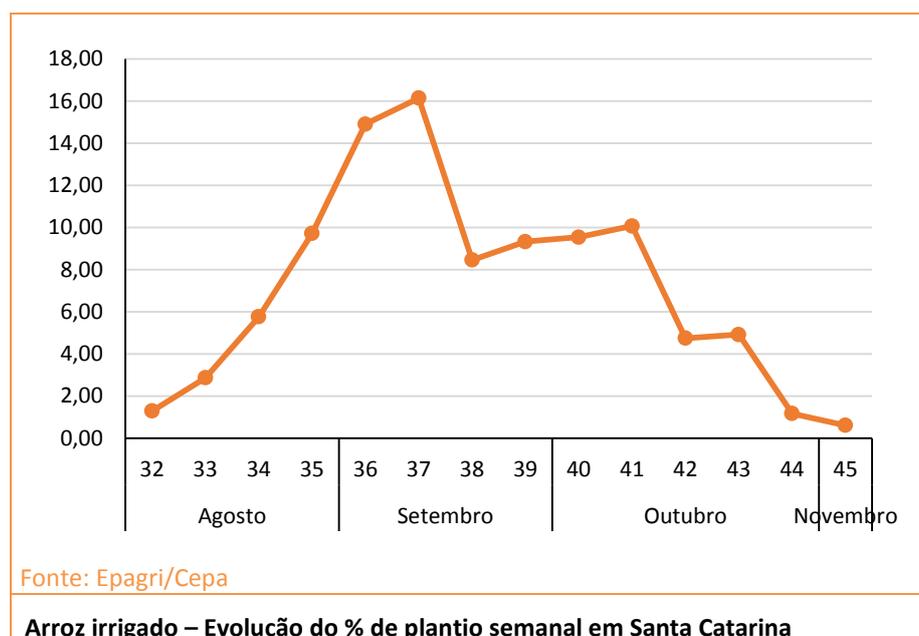
Fonte: Epagri/Cepa (Novembro/2018).

As estimativas atualizadas da Epagri/Cepa para a safra 2018/19 apontam para uma leve redução na área plantada de arroz irrigado em Santa Catarina, embora menos expressiva do que a estimativa inicial. A possibilidade de confirmação do fenômeno *El Niño* que, pela irregularidade das chuvas, tende a resultar em produtividades inferiores às observadas nas duas últimas safras. No entanto, até o momento os levantamentos a campo apontam para uma produtividade média para o estado acima da observada no ano anterior. Assim, a expectativa é que a produção seja 2,22% menor em relação à safra 2017/18, devendo ficar em 1,15 milhão de toneladas de arroz em casca, em uma área aproximada de 143 mil hectares.



Fonte: Epagri/Cepa

Arroz irrigado: Santa Catarina – percentual de plantio por microrregião geográfica – safra 2018/19



Fonte: Epagri/Cepa

Arroz irrigado – Evolução do % de plantio semanal em Santa Catarina

No estado, 99,5% da área destinada ao arroz irrigado na safra 2018/19 já foi semeada até dia 10 de novembro (semana 45), restando apenas as microrregiões de Tabuleiro, Tijucas e Florianópolis para encerrar o plantio. Os relatórios de campo apontam que cerca de 96% da área plantada encontra-se em condição boa, sem apresentar problemas que resultem em redução da produtividade ou perdas.

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Em outubro, os preços do feijão carioca, na praça de Joaçaba, tiveram ligeira alta de 6,75%. O preço médio pago pela saca de 60 kg passou de R\$93,68, em setembro, para R\$100,00, em outubro. Na comparação com outubro de 2017, a variação ainda permanece negativa em cerca de 9%. No Paraná, onde cerca de 88% da área destinada ao feijão 1ª safra já foi plantada, os preços se mantiveram inalterados no último mês. Em São Paulo, a colheita já começou, no estado predomina o plantio do feijão carioca. Mesmo com feijão novo disponível para venda, os preços recuaram 8% em outubro, na comparação com setembro. Tomando como referência os preços praticados em outubro do ano passado em São Paulo, se percebe que neste ano, os produtores estão recebendo, em média, cerca de 17% a menos pela saca de 60kg.

Em relação ao feijão preto, o preço pago ao produtor catarinense pela saca de 60kg teve aumento de cerca de 7% em outubro, ficando na faixa dos R\$138,00. Os mercados do Paraná e Rio Grande do Sul também registraram altas nos preços pagos os produtores de feijão preto, em torno de 5,5 e 3,12%, respectivamente. Em relação ao mesmo período do anos passada, neste ano os produtores estão recebendo mais por sua produção. Em termos nominais, essa diferença positiva chega a 23% em Santa Catarina, 15,4% no Paraná e 3,36% no Rio Grande do Sul.

Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor - safra 2017/18 - (R\$/60kg)

Estado	Tipo	out/18	set/18	variação (%)	out/17	variação (%)
Santa Catarina	Feijão Carioca	100,00	93,68	6,75	110,00	-9,09
Paraná		95,25	95,26	-0,01	89,96	5,88
São Paulo		105,09	114,50	-8,22	127,23	-17,40
Minas Gerais		102,68	99,31	3,39	133,09	-22,85
Goiás		94,62	99,67	-5,07	113,22	-16,43
Santa Catarina	Feijão Preto	138,18	128,67	7,39	111,90	23,49
Paraná		125,54	119,00	5,50	109,64	14,50
Rio Grande do Sul		136,90	132,76	3,12	132,45	3,36

Nota: Feijão preto, referência Canoinhas/SC. Feijão carioca, referência SC Joaçaba/SC - outubro/2018.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS, MG, GO e SP).

Na Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP), que registra os preços praticados no mercado atacadista para o principal mercado brasileiro de feijão, no dia 08 de outubro a saca de 60kg do feijão carioca nota 9,5 foi comercializada a R\$120,00, variação negativa de cerca de 1% em relação ao dia 08 de setembro. Para o feijão carioca nota 8,0, a cotação foi de R\$97,5 em outubro, contra R\$102,50 no mês de setembro, baixa de aproximadamente 5%. O comportamento do mercado para o feijão carioca e preto segue nominal, ou seja, sem grandes variações nas cotações.

Feijão – Preço médio diário do feijão no mercado atacadista de São Paulo

Produto ⁽¹⁾	08/10/2018	08/09/2018	Varição (%)	Mercado ⁽²⁾
Feijão Carioca Extra (9,5)	120,00	121,00	-0,83	nominal
Feijão Carioca Extra (9,0)	115,00	116,00	-0,86	nominal
Feijão Carioca Especial (8,5)	107,50	107,50	0,00	nominal
Feijão Carioca Comercial (8,0)	97,50	102,50	-4,88	nominal
Feijão Preto Extra	0,00	165,00		n/cotado
Feijão Preto Especial	150,00	152,50	-1,64	nominal

Nota: nominal - preço sem variação por falta ou excesso do produto.

⁽¹⁾ feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP. ⁽²⁾ comportamento do mercado em 08/10/2018.

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo, BCSP.

Em relação ao panorama nacional da produção de feijão 1ª safra, dados da segunda estimativa da Conab apontam que a safra brasileira deverá ter uma redução na área plantada entre 8 e 4%, devendo a área semeada variar entre 970 mil e 1.011,1 mil hectares. Como nos anos anteriores, o cultivo do feijão está compete por área com as culturas da soja e do milho, fazendo o produtor escolher pela cultura que ofereça melhor rentabilidade.

No Rio Grande do Sul, grande produtor de feijão preto, a 1ª safra alcançou cerca de 65% de semeadura da área destinada ao plantio. Até o momento, as lavouras apresentam ótimo estado fitossanitário, com as doenças monitoradas e baixa incidência de pragas. No Paraná, com 88% da área de feijão da 1ª safra já plantados, a condição das lavouras é considerada boa em 78% dos casos e média em 21%. Da área plantada, cerca de 24% já alcançou a fase de floração e 67% encontra-se em desenvolvimento vegetativo.

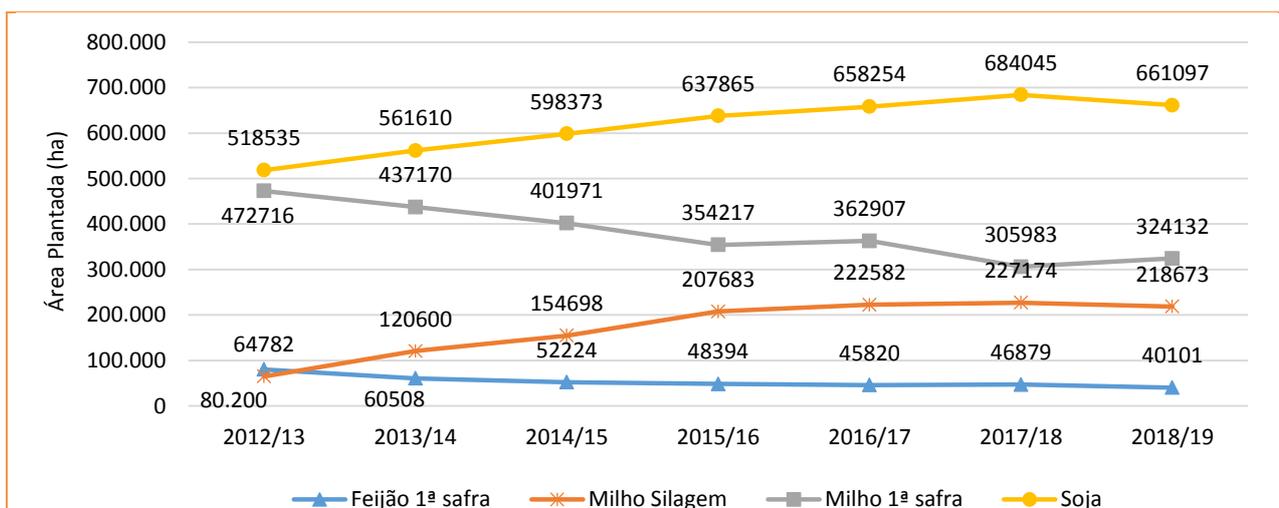
As estimativas da Epagri/Cepa apontam para uma redução na área plantada com feijão 1ª safra na ordem de 20%. As microrregiões que mais perderam área nesta safra em relação à safra passada são: Concórdia (-31%), Curitiba (-35%), Joaçaba (-34%), São Miguel do Oeste (-16%), Xanxerê (-28%) e Campos de Lages (-13%). Em relação à produção esperada, também deverá haver redução. A expectativa é de que ocorra uma diminuição de aproximadamente 15,4 mil toneladas. Quanto ao rendimento médio, este deverá crescer cerca de 3%, passando dos 1.903kg/ha obtidos na temporada passada para 1.962kg/ha nesta safra 2018/19.

Em Santa Catarina, cerca de 55% da área prevista para plantio já foi semeada, correspondendo a cerca de 21 mil hectares. As microrregiões mais adiantadas nessa fase de implantação das lavouras são Chapecó, Concórdia, Xanxerê, São Miguel do Oeste, Canoinhas, São Bento do Sul e aquelas próximas ao Litoral Sul e Alto Vale. Nessa fase do cultivo, o excesso de chuvas e a baixa luminosidade, associada a dias frios, estão prejudicando as lavouras em algumas regiões, principalmente as localizadas em regiões mais altas. Na região do Planalto Norte, onde o plantio segue firme, as constantes chuvas favorecem a incidência de doenças, fazendo com que os produtores estejam atentos à necessidade de controles fitossanitários preventivos e curativos. Em regiões importantes na produção estadual de feijão 1ª safra, como Serra Catarinense, Planalto Sul e Meio-Oeste, o plantio deve iniciar a partir da segunda quinzena de novembro.

Feijão 1ª safra – Comparativo de safra 2017/18 e 2018/19

Microrregião	Safra 2017/2018			Estimativa Atual Safra 2018/2019			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	98	96	979	74	73	982	-24	-24	0
Blumenau	95	100	1.053	56	101	1.804	-41	1	71
Campos de Lages	9.380	19.207	2.048	8.135	15.787	1.941	-13	-18	-5
Canoinhas	6.000	10.734	1.789	6.000	12.580	2.097	0	17	17
Chapecó	2.732	5.509	2.017	2.503	5.129	2.049	-8	-7	2
Concórdia	624	1.099	1.760	429	795	1.853	-31	-28	5
Criciúma	543	630	1.161	533	627	1.177	-2	0	1
Curitibanos	9.095	19.967	2.195	5.880	12.714	2.162	-35	-36	-1
Florianópolis	132	181	1.371	31	40	1.274	-77	-78	-7
Itajaí	7	8	1.143	-	-	-	-	-	-
Ituporanga	1.107	2.212	1.998	980	1.944	1.984	-11	-12	-1
Joaçaba	3.783	7.085	1.873	2.497	4.178	1.673	-34	-41	-11
Joinville	14	10	714	22	22	1.000	57	120	40
Rio do Sul	588	968	1.646	602	1.035	1.719	2	7	4
São Bento do Sul	500	798	1.595	580	1.044	1.800	16	31	13
São M. do Oeste	1.077	1.881	1.746	904	1.854	2.050	-16	-1	17
Tabuleiro	485	544	1.122	463	737	1.591	-5	35	42
Tijucas	184	213	1.158	170	321	1.888	-8	51	63
Tubarão	1.033	1.340	1.297	973	1.283	1.318	-6	-4	2
Xanxerê	9.402	16.613	1.767	6.778	13.529	1.996	-28	-19	13
Santa Catarina	46.879	89.194	1.903	37.610	73.792	1.962	-20	-17	3

Fonte: Sistema de acompanhamento de safras, Epagri/Cepa (outubro/2018).



Fonte: Infoagro, 2018.

Feijão 1ª safra – Comparativo de área entre culturas de verão - Santa Catarina (safras 2012/13 – 2018/19)

Os motivos da redução crescente da área de plantio de feijão são bem conhecidas. Culturas como milho e soja, que tem proporcionado maior rentabilidade e estão na pauta das exportações catarinenses, levam vantagem na hora do produtor planejar sua safra. Além disso, a bovinocultura de leite, uma das principais cadeias produtivas do estado, vem crescendo a passos largos nas duas algumas décadas, tomando espaço cada vez mais da cultura do feijão, seja pelo ocupação da mão de obra, seja pela necessidade de utilização das áreas de lavoura para produção de silagem de milho.

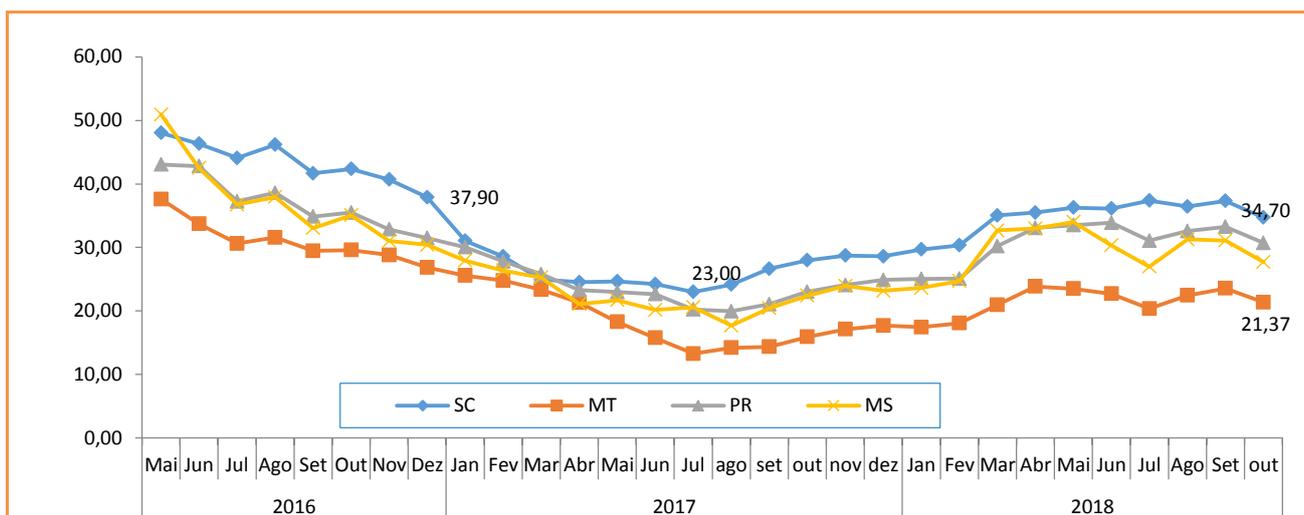
Outra aspecto está relacionada ao clima. A cultura do feijão é muito suscetível às variações climáticas. Em anos de clima desfavorável, com ocorrência de eventos climáticos extremos, como excesso de chuva e granizo, as perdas em qualidade e quantidade ocasionam prejuízos recorrentes aos produtores. A necessidade de tratamentos fitossanitários também eleva os custos de produção. No passado, em função da menor ocorrência de doenças fungicas e pragas, as lavouras apresentam custo mais reduzido, o que se traduzia em vantagem competitiva. Porém, atualmente esta condição não é mais a mesma.

Além disso, com o crescimento do plantio de soja, a rotação de culturas anteriormente realizada entre milho e feijão, foi substituída em parte pela rotação entre soja e milho. Assim, novamente o feijão acaba perdendo espaço para a soja.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Desde o início do ano, os preços do cereal apresentam elevação consistente no Estado, com reajuste de janeiro a setembro superior a 25%, passando de R\$ 29,69/sc para R\$ 37,32/sc (Figura). No entanto, em outubro apresentou uma retração de 7,02% do preço no Estado. Relativo ao mês correspondente do ano anterior (outubro/2017), o valor pago ao produtor está superior em 24%. Nos principais estados produtores, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná, as cotações em outubro registraram R\$ 21,37/sc, R\$ 27,69/sc, R\$ 30,74/sc, respectivamente. Em relação à variação frente ao mês anterior, houve uma desvalorização de 9,3% do produto, em média, nesses estados. Alguns fatores influenciaram este comportamento, mas basicamente a desvalorização do dólar frente ao real. “A maior oferta de milho, as exportações em ritmo lento, produtores flexíveis nos valores de venda, sobretudo os do Centro-Oeste e também o bom desenvolvimento da safra de verão 2018/19, que gera expectativa de maior produção nos próximos meses,, pressionaram com força as cotações do cereal ao longo de outubro”, observa o Cepea.



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink.

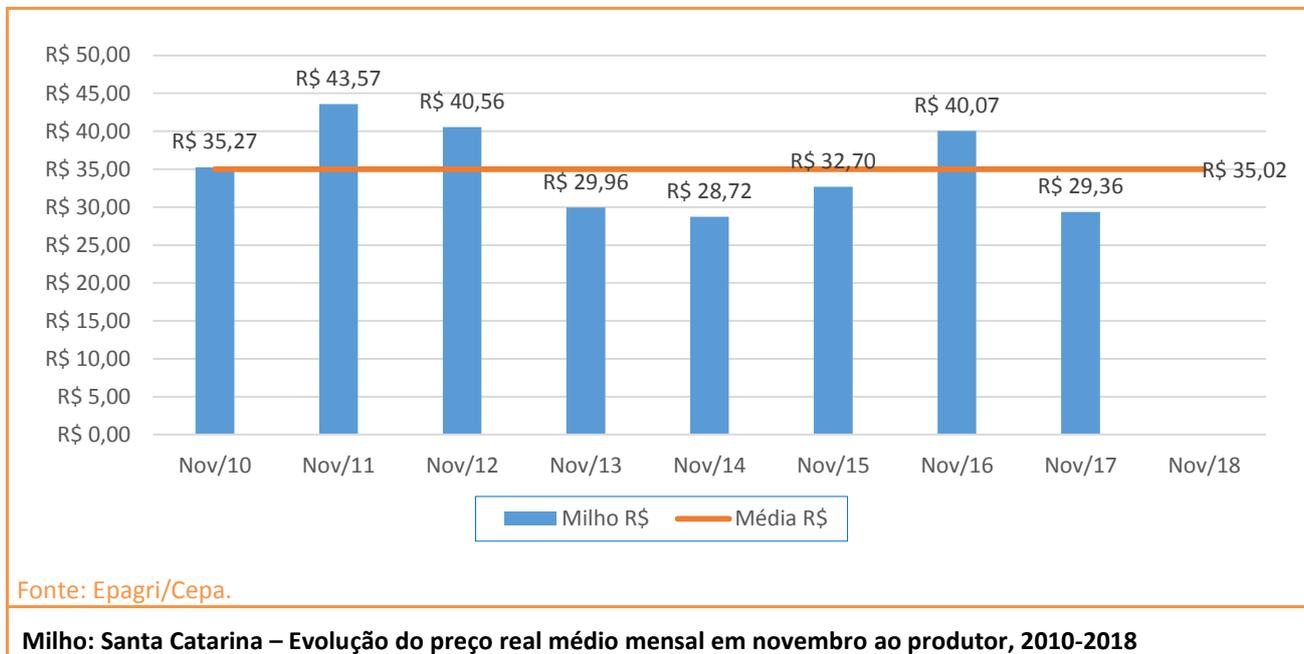
Milho – Evolução do preço médio mensal ao produtor em Santa Catarina, Mato Grosso, Paraná e Mato Grosso do Sul – 2016 a agosto/2018

Como será o Comportamento dos preços em novembro?

No gráfico abaixo são apresentados os preços históricos do milho ao produtor em Santa Catarina do mês de novembro de 2010 a 2017 (). O preço médio praticado foi de R\$ 35,02. Em 2011, foi registrado o maior preço praticado (corrigido) e 2014 o menor do período. Esta flutuação dos preços é um dos motivos da constante queda no cultivo do cereal no Estado, embora tenha um forte relevância na cadeia produtiva de proteína animal. Os preços fortalecidos motivaram um acréscimo na área plantada na safra 2018/19.

No entanto, em especial o câmbio influenciou os preços internos desde outubro. É possível fazer inferências relevantes quanto ao processo de formação do preço do milho no Brasil. Em primeiro lugar, observa-se interação entre os mercados interno e externo de milho. Essa constatação aponta para a sensibilidade dos consumidores brasileiros de carnes (principalmente de aves e suínos), bem como a maior

inserção do milho brasileiro no comércio internacional resulta em maior externalidades, choques no preço desse cereal no mercado internacional refletem no mercado interno, como fator relevante¹. Uma demanda maior a nível internacional poderia segurar os preços até fim de ano, além disto estamos em entressafra, milho novo somente final de janeiro/19, a queda nos preços poderá se reverter durante novembro.



Panorama estadual – Safra 2018/19

A estimativa atual (out/2018) para a próxima safra apresenta uma recuperação da área cultivada em 7,4%. Com isso, há a expectativa que o estado cultive 328 mil hectares de milho grão na 1ª safra 2018/19, frente aos 305 mil hectares da safra anterior. Este ganho de área, conforme relatado nos boletins anteriores, se dá em função dos preços fortalecidos do cereal desde o início de 2018. Os preços de equivalência soja/milho permaneceram por vários meses na faixa de 2,3 ou menores, situação que favoreceu o cultivo do milho, Mesmo que os preços tiveram um recuo significativo em outubro. Outro fator levado em consideração pelo produtor foi a necessidade de rotação de culturas soja/milho, em função da questão fitossanitária e aspectos de conservação do solo em plantio direto. Também há uma expectativa de recuperação quanto ao rendimento médio (Kg/ha), atualizado na estimativa de outubro para 8.309 Kg/ha, contra 8.069 kg/ha do ano anterior. Com isto, espera-se que a produção total do estado fique em 2,73 milhões de toneladas, superior em mais de 250 mil toneladas em relação à safra anterior. Isto se as condições climáticas se apresetarem favoráveis nos próximos meses.

Milho 2ª Safra:

Importante salientar que a área de milho da segunda safra, que oscila nos últimos anos entre 16 e 18 mil hectares, não está computada na área do milho 1ª safra. Considerando o milho 2ª safra, a área total cultivada com milho grão no Estado deverá ultrapassar 340 mil hectares na safra 2018/19.

¹ Fatores de influência no preço do milho no Brasil. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512012000100005

Milho – 1ª Safra - verão , safra 2018/18, estimativa out. 2018

Microrregião	Safra 2017/18			Safra 2018/19 - estimativa outubro			Variação (%)		
	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada	Quant. Prod.	Rend. Médio
Araranguá	7.734	52.686	6.812	7.734	52.524	6.791	0,0	-0,3	-0,3
Blumenau	1.899	7.374	3.883	1.872	8.323	4.446	-1,4	12,9	14,5
Campos de Lages	33.080	248.812	7.522	33.100	253.040	7.645	0,1	1,7	1,6
Canoinhas	28.800	277.180	9.624	28.200	267.800	9.496	-2,1	-3,4	-1,3
Chapecó	45.523	376.571	8.272	45.596	388.196	8.514	0,2	3,1	2,9
Concórdia	22.659	164.939	7.279	24.400	175.141	7.178	7,7	6,2	-1,4
Criciúma	6.670	45.805	6.867	6.674	46.154	6.915	0,1	0,8	0,7
Curitibanos	17.360	157.872	9.094	23.835	245.933	10.318	37,3	55,8	13,5
Florianópolis	359	1.730	4.819	93	453	4.866	-74,1	-73,8	1,0
Ituporanga	9.072	62.442	6.883	11.650	82.230	7.058	28,4	31,7	2,5
Joaçaba	49.130	407.583	8.296	57.425	505.352	8.800	16,9	24,0	6,1
Joinville	390	1.544	3.959	335	1.340	4.000	-14,1	-13,2	1,0
Rio do Sul	18.525	125.648	6.783	19.850	130.057	6.552	7,2	3,5	-3,4
São Bento do Sul	4.400	35.616	8.095	4.500	37.380	8.307	2,3	5,0	2,6
São Miguel do Oeste	32.685	260.872	7.981	31.135	246.630	7.921	-4,7	-5,5	-0,8
Tabuleiro	2.725	15.737	5.775	2.975	17.145	5.763	9,2	8,9	-0,2
Tijucas	480	1.774	3.696	1.735	9.661	5.568	261,5	444,6	50,7
Tubarão	5.185	31.868	6.146	5.050	31.610	6.259	-2,6	-0,8	1,8
Xanxerê	19.280	192.708	9.995	22.430	231.438	10.318	16,3	20,1	3,2
Santa Catarina	305.983	2.468.879	8.069	328.589	2.730.404	8.309	7,4	10,6	3,0

Fonte: Sistema de Acompanhamento de safra. Epagri/Cepa.

Acompanhamento safra 2018/19:

Oeste: Chapecó, Xanxerê, Concórdia e São Miguel do Oeste: a cultura se desenvolve normalmente, sem problemas. Em algumas áreas os produtores estão aplicando nitrogênio (Uréia), aproveitando a umidade no solo. Algumas poucas áreas deverão iniciar a floração nos próximos dias, em especial nas regiões de Chapecó e Concórdia. Em Xanxerê, as lavouras estão em estágio de desenvolvimento vegetativo. Nessas regiões, o plantio ultrapassava 95% até 10 de novembro.

Joaçaba, Campos Novos, Curitibanos, Caçador: até o dia 10 de novembro em torno de 70% de plantio estava concluído. O clima chuvoso influenciou para o atraso no plantio. Na próxima semana as áreas plantadas devem aumentar significativamente;

Região Norte - Mafra e Canoinhas: próximo de 100% da área está semeada. As constantes chuvas ocorridas no mês de outubro causaram atrasos no plantio de algumas áreas, com replantio pontual de outras e em algumas com impossibilidade de operações com máquinas para execução das práticas de manejo da lavoura, como aplicação de adubo nitrogenado. Essas dificuldades ocorreram em todos os municípios da região;

Campos de Lages: o plantio avança, com 20% da área semeada na região até o início de novembro.

Litoral Sul e Norte: Maior parte das áreas com lavouras na fase de floração, apresentando desenvolvimento normal.

Estado: No estado, a projeção é de que 82% do milho já foi semeado até 10 de novembro. O plantio avança com maior ritmo na primeira semana de novembro com a estabilidade do tempo. As chuvas intensas na maioria das regiões do estado diminuíram o ritmo de semeadura em outubro, ocasionando um atraso no plantio em algumas regiões, porém ainda dentro do cronograma recomendado, de acordo com o zoneamento agrícola para a cultura. O grande volume de chuvas pode causar perdas de adubo nitrogenado por lixiviação, além de erosão em locais com chuvas mais intensas.

Climatologia² (o que se espera para época do ano):

No mês de outubro, a média de chuva chegou a 210mm no Oeste e Meio Oeste e a 150mm nos Planaltos Sul e Norte e no Litoral Norte. A média de chuva em novembro é de 150 a 170 mm no Oeste e Meio Oeste e de 110 a 130 mm no Planalto, Vale do Itajaí e Litoral. Em dezembro, a média é de 150 a 200mm no Oeste, Meio Oeste, Planalto Norte, Vale do Itajaí, Litoral Norte e Grande Florianópolis e entre 100 a 140mm nas demais regiões. Na primavera, os temporais, com granizo e ventania, ocorrem com mais frequência em Santa Catarina. Os totais de chuva são mais elevados em relação aos meses anteriores, com acumulados significativos de chuva em curto espaço de tempo. O começo de novembro segue com o padrão de outubro, com chuva frequente e volumes elevados em algumas localidades, sobretudo no Oeste e Meio Oeste. Nos meses de dezembro de 2018 e janeiro de 2019 a chuva estará dentro da média na maior parte do estado e acima no Oeste. A previsão para o trimestre é de **chuva acima da média no Oeste e Meio Oeste e na média climatológica na maior parte de Santa Catarina.**

Safra Nacional

A expectativa de normalização das chuvas é a grande aposta dos produtores do cereal, em razão do promissor mercado que se vislumbra e que vem se fortalecendo a cada ano. As alternativas de exportação para o mercado chinês, os reflexos da taxa de câmbio, a fabricação de etanol a partir de milho, além do forte mercado interno, produtor de proteína animal, são fatores que dão suporte às expectativas otimistas. A definição da área plantada ficará, portanto, condicionada à evolução do clima nos próximos meses, que estimulará o uso de um pacote tecnológico avançado, caso ocorra normalização do clima, , fato não ocorrido na safra que se encerrou. Por essa razão, a estimativa da área de milho primeira safra deverá apresentar incremento, com um intervalo de 5.108,1 mil a 5.260,2 mil hectares³.

² Epagri/Ciram. http://ciram.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2405&Itemid=141

³ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 6 - Safra 2018/19, n.2 - Segundo levantamento, novembro 2018.

Milho - Silagem

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br
Felipe Jochims
Zootecnista, Dr. – Epagri/Cepaf
felipejochims@epagri.sc.gov.br

Milho para produção de silagem

A área de cultivo de milho com o objetivo de produção de silagem tem crescido sensivelmente em Santa Catarina. Segundo levantamentos da Epagri/Cepa, a área passou de 120.600ha em 2013/14 para 227.163ha em 2017/18 (Figura 1), representando crescimento superior a 15% ao ano (Figura 1). No mesmo período, a área com milho-grão teve um decréscimo de 6% ao ano, perdendo 115 mil hectares (Infoagro-2018⁴). Parte significativa do crescimento da área de milho-silagem se deu sobre a a área de milho-grão.

Essa expansão da área de milho-silagem está diretamente relacionada ao expressivo crescimento da produção leiteira de Santa Catarina. Segundo os dados dos dois últimos censos agropecuários, entre 2006 e 2017 a produção leiteira estadual aumentou 103,1%, muito acima do que se observou na maioria dos estados e no país, passando de 1,3 bilhão de litros para 2,8 bilhões litros (Epagri/Cepa Boletim Agropecuário especial⁵) Com isso, Santa Catarina ocupa a posição de quarto produtor nacional de leite e ampliou significativamente sua participação na oferta de leite às indústrias brasileiras, alcançando 11,3%, em 2017 (Pesquisa Trimestral do Leite/IBGE) .

Embora o aumento no número de vacas ordenhadas nesse período, o crescimento da produção leiteira estadual decorreu, sobretudo, da melhoria dos sistemas de produção e dos indicadores de produtividade da atividade leiteira. Entre as importantes melhorias nos sistemas de produção, está uma melhor alimentação dos animais, tanto em qualidade quanto em volume de comida. Para atender esta demanda crescente da cadeia de produção leiteira, o plantio de milho para fins de silagem tem demandado, ao longo dos últimos anos, áreas de cultivo cada vez maiores. Diferentemente do milho grão, apresenta crescimento constante em relação à área de plantio, assim como na produção por área.

Em função das informações do Censo Agro 2017 IBGE, está sendo feito um ajuste dos dados em termos de área cultivada, bem como uma migração de algumas áreas cultivadas com milho-silagem para milho-grão, em função dos preços atrativos ao longo do ano. Desta forma, a área cultivada com milho para silagem tem um ajuste de 227 mil hectares (safra 2017/18) para 218 mil hectares (safra 2018/19 estimativa inicial), refletindo uma informação mais próxima da realidade. Essas atualizações aproximam as bases de dados/informações e possibilitam melhorar a qualidade das pesquisas setoriais, seja as do IBGE e Epagri/Cepa.

De qualquer forma, a área de cultivo de milho para fins de silagem apresentou um crescimento considerável nos últimos seis anos, acompanhando o crescimento observado na cadeia de produção da pecuária leiteira, apesar da estabilização na quantidade de área cultivada entre as safras de 2016 a 2019. Outro fato interessante é a estabilidade no rendimento médio das lavouras ao longo dos seis anos avaliados (41.886kg MS/ha), apesar das diferenças climáticas entre os anos no período avaliado, somente

⁴ <http://www.infoagro.sc.gov.br/index.php/safra/producao-vegetal>

⁵ Boletim Agropecuário edição especial – Censo 2017: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/index.php/boletim-agropecuario/>

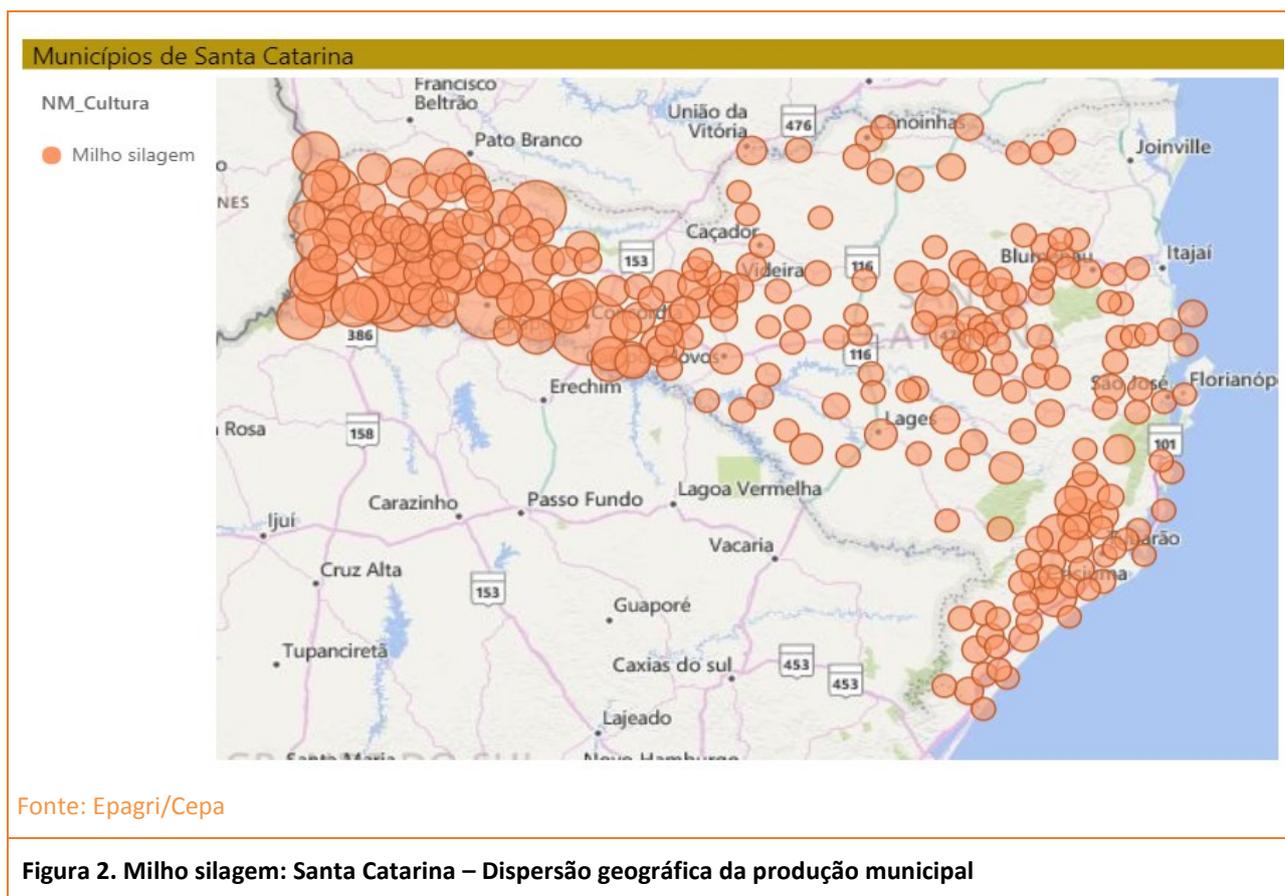
na safra 2016/17 que apresentou incremento significativo no rendimento. Esse valor pode ser considerado como uma boa produtividade. No entanto, pode ser melhorada com tecnologias de produção visando a redução dos custos de produção da cadeia produtiva.



Fonte: Epagri/Cepa -Infoagro.

Figura 1. Milho silagem: Santa Catarina – Evolução da área de cultivo de milho silagem – 2013 a 2018/19, estimativa inicial

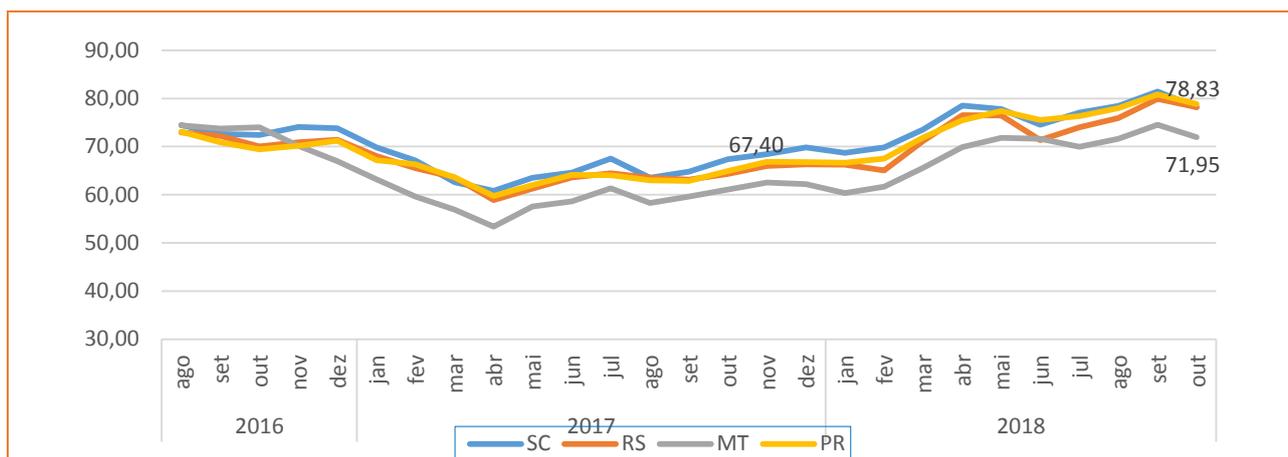
Acompanhando a cadeia produtiva do leite em Santa Catarina, a concentração da produção de milho para silagem (Figura 2) se dá nas áreas do Oeste Catarinense, onde próximo de 50% do cultivo de milho silagem se concentra nas regiões de Chapecó e São Miguel do Oeste.



Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Após um longo período de movimento altista, em outubro a soja teve recuo nos preços pagos aos produtores, registrando R\$ 71,95; R\$ 78,83 e R\$ 78,17/saca de 60 kg no Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, respectivamente. Em comparação com o mês de setembro, os preços tiveram uma variação negativa média de - 2,50% nesses Estados. No comparativo com o mês de outubro de 2017, a variação média dos preços nos principais estados produtores (MT, PR e RS) foi de + 25,83%. Em Santa Catarina, os preços apresentaram comportamento semelhante, com queda de 3,9% em outubro/18, com a saca cotada a R\$ 78,17. O principal fator que explica a queda dos preços nesse mês foi a relação cambial. No começo de outubro muda o cenário. A cotação do dólar apresentou queda frente ao real em mais de 10% desde início de setembro, o que refletiu diretamente na formação dos preços internos da soja. A queda nos preços também está relacionada à diminuição nos prêmios para a soja brasileira, pressionada pelas expectativas de uma boa safra 2018/19 no Brasil e a possibilidade de acordo entre Estados Unidos e China para a guerra comercial entre as duas maiores potências econômicas mundiais.



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (MT, PR, RS)

Soja – Preço médio real mensal de soja em grão ao produtor, MT, MS, PR, RS e Santa Catarina – 2015 a out. 2017

Safra 2018/19

A produção de soja em Santa Catarina na safra 2017/18 teve uma expansão da área cultivada, com incremento de 3,9% em relação à safra 2016/17. Assim, alcançou 684 mil hectares cultivados, com produção de 2,45 milhões de toneladas, conforme tabela abaixo.

Na safra 2018/19 a área deverá apresentar um recuo de 4,96%, chegando a 651 mil hectares, com produção estimada de 2,41 milhões de toneladas (**Tabela. Soja – Estimativa atual – Out/18, produção e rendimento, comparativo entre safras 2017/18 e 2018/19- estimativa out.**). Um dos fatores que levou a esta projeção está relacionado aos preços do milho desde início do ano em curso, que, de certa forma, inibiram o cultivo do cereal, expandindo a área em mais de 7% (estimativa atualizada - Out/2018). Por outro lado, também ocorreu um ajuste da área plantada com soja em algumas regiões de acordo com o Censo Agro 2017- IBGE, cujos resultados iniciais foram apresentados em julho de 2018.

As regiões de Xanxerê, Canoinhas e Curitibanos, incluindo Campos Novos, constituem os maiores produtores, somam 380 mil hectares, mais de 57% da área cultivada do estado. Quanto ao rendimento médio (Kg/ha) há uma expectativa de aumento em 3,13%. O avanço na produtividade está sendo verificado ao longo dos anos. O Estado tem apresentado uma das melhores produtividade de soja do Brasil nas últimas safras (CONAB, 2018)⁶. Nesta safra também está sendo registrado o cultivo da soja na Região Sul do estado. São 1.540 hectares, cultivados em sucessão ao milho, milho silagem e fumo.

Panorama regional

Região Oeste: Chapecó, São Miguel do Oeste, Concórdia e Xanxerê: nesta região o plantio alcançou em torno de 90% até 10 de novembro. Os agricultores aproveitam os períodos favoráveis, sem chuva, para finalizar o cultivo. Algumas áreas ainda devem ser semeadas em sucessão ao trigo, assim que este for sendo colhido;

Região Norte: até 10 de novembro, em torno de 40% da área está semeada. Houve um atraso em função das chuvas persistentes em outubro. A janela de plantio da soja vai até final de novembro. Portanto, mesmo com período chuvoso, a expectativa é que o plantio seja concluído dentro do período recomendado;

Região Meio Oeste: Joaçaba, Curitibanos, Campos Novos: até o momento 30% da área se encontra semeada.

Campos de Lages: Início de plantio, próximo de 10% da área semeada até 10 de novembro .

Estado: Até 10 de novembro 58% da área da soja estava semeada. Chuvas contínuas durante outubro provocaram atraso no cronograma de plantio.

Soja – Estimativa atual – Out/18, produção e rendimento, comparativo entre safras 2017/18 e 2018/19 - estimativa out.

Microrregião	2017/18			2018/19 Estimativa atual -out			Variação % (17/18 a 18/19)		
	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)
Campos de lages	62.230	222.758	3.580	59.140	212.733	3.597	-4,97	-4,50	0,48
Canoinhas	129.800	450.720	3.472	126.000	446.310	3.542	-2,93	-0,98	2,02
Chapecó	92.941	300.866	3.237	86.605	279.556	3.228	-6,82	-7,08	-0,28
Concórdia	8.818	33.465	3.795	6.235	22.810	3.658	-29,29	-31,84	-3,60
Criciúma	1.540	5.308	3.447	1.540	5.308	3.447	0,00	0,00	-0,01
Curitibanos	109.508	424.840	3.880	109.630	446.673	4.074	0,11	5,14	5,01
Ituporanga	8.240	34.140	4.143	7.300	28.860	3.953	-11,41	-15,47	-4,58
Joaçaba	67.664	255.994	3.783	61.150	247.605	4.049	-9,63	-3,28	7,04
Rio do Sul	3.975	15.577	3.919	4.890	18.172	3.716	23,02	16,66	-5,18
São Bento do Sul	11.500	37.020	3.219	9.800	32.140	3.280	-14,78	-13,18	1,88
São Miguel do Oeste	41.277	137.399	3.329	36.696	122.558	3.340	-11,10	-10,80	0,32
Tijucas	65	234	3.600	65	234	3.600	0,00	0,00	0,00
Xanxerê	148.040	545.578	3.685	142.550	552.160	3.873	-3,71	1,21	5,11
Santa Catarina	685.598	2.463.899	3.594	651.601	2.415.119	3.706	-4,96	-1,98	3,13

Fonte: Epagri/Cepa

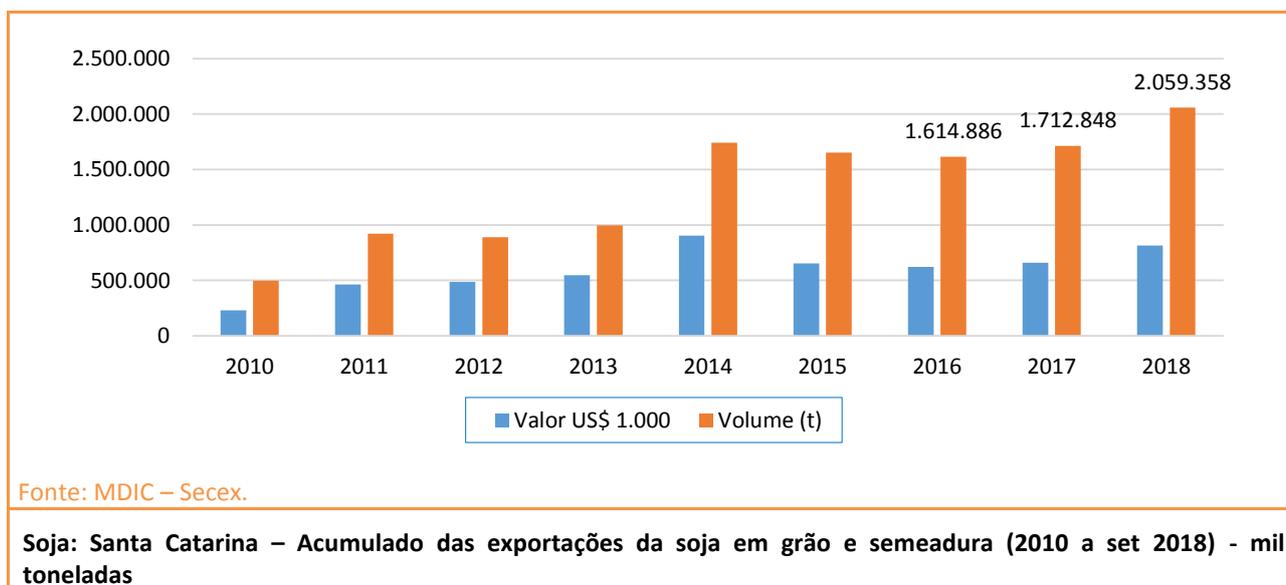
⁶ <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/serie-historica-das-safras?start=20>

Climatologia⁷ (o que se espera para época do ano):

No mês de outubro, a média de chuva chega a 210mm no Oeste e Meio Oeste e a 150mm nos Planaltos Sul e Norte e no Litoral Norte. A média de chuva em novembro é de 150 a 170mm no Oeste e Meio Oeste e de 110 a 130mm no Planalto, Vale do Itajaí e Litoral. Em dezembro, a média é de 150 a 200mm no Oeste, Meio Oeste, Planalto Norte, Vale do Itajaí, Litoral Norte e Grande Florianópolis e entre 100 a 140mm nas demais regiões. Na primavera, os temporais, com granizo e ventania, ocorrem com mais frequência em Santa Catarina. Os totais de chuva são mais elevados em relação aos meses anteriores, com acumulados significativos de chuva em curto espaço de tempo. Menos frequentes, podem ocorrer períodos de cinco a sete dias sem chuva.

Exportações do Estado

Em 2017, foram exportados pelo estado 1,72 milhões de toneladas, em torno de 6% a mais que o volume do ano anterior. Entre os principais destinos das exportações, a China lidera o ranking de compra da soja catarinense, com cerca de 80% do total comercializado. Em 2018, até outubro já totaliza volume superior a 2 milhões de toneladas, indicando para este ano recorde na exportação de soja.



Evolução da área cultivada de soja

Os gráficos abaixo apresentam a evolução da área cultivada com soja no Estado, de 2012/13 até a projeção para a safra 2018/19. De 2012/13 até 2017/18 foram incorporados em torno de 150 mil hectares à produção, representando 32% de aumento de área. No período, foi registrado ganho de rendimento de mais de 18%, passando de 3.083 kg/ha no início da série para 3.658 kg/ha, estimativa para 2018/19. Quanto a produção, no período ocorreu aumento de mais de 800 mil toneladas, o que ajuda a explicar o crescente volume de exportações do estado.

⁷ Epagri/Ciram. http://ciram.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2405&Itemid=141



Fonte: Epagri/Cepa-INFOAGRO – out. 2018.

Soja: Santa Catarina – Evolução do cultivo de soja, área, produção e rendimento, 2012/2013 a 2018/2019

Trigo

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Os preços pagos aos produtores de trigo seguem em queda. Em Santa Catarina, os preços médios oferecidos aos produtores que possuem trigo grão disponível para comercialização variaram negativamente no mês de outubro em cerca de 7,25%, passando de R\$43,02 para R\$39,90/60kg. Em relação a um ano atrás, a variação permanece positiva em cerca de 22%, ou seja, os preços médios recebidos pelos produtores na safra passada foram os dos piores dos últimos anos. Contudo, para os próximos meses há fortes indicativos de que os preços possam reagir. Recente relatório do Departamento de Agricultura do Estados Unidos aponta para uma queda de 4% na produção mundial de trigo na safra 2018/19. Além disso, as estimativas preveem queda no volume de trigo disponível para o comércio mundial, ao mesmo tempo que o consumo global do cereal deverá ser de 746 milhões de toneladas, o quinto recorde consecutivo, provocando diminuição nos estoques finais mundiais para 260 milhões de toneladas, queda de 5% ao ano, em se confirmando essas estimativas.

No Rio Grande do Sul, segundo dados da Emater, o mercado está travado, pois não há produto à venda e os compradores estão aguardando o trigo da nova safra. O preço médio da saca de 60kg de trigo caiu em outubro, com variação negativa de cerca de 4% em relação à setembro, passando de R\$ 42,13 para R\$ 40,46. Em terras gaúchas, cerca de 48% das áreas cultivada com trigo já foram colhidas. No Paraná, os preços médios da saca também recuaram em outubro, cerca de 8% a menos que no mês anterior, passando de R\$ 46,54 para R\$42,90. Até o momento, cerca de 82% da área cultivada com trigo já foi colhida, com produção considerada como boa em cerca de 57% das áreas.

Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2018/19 – R\$/saca de 60kg

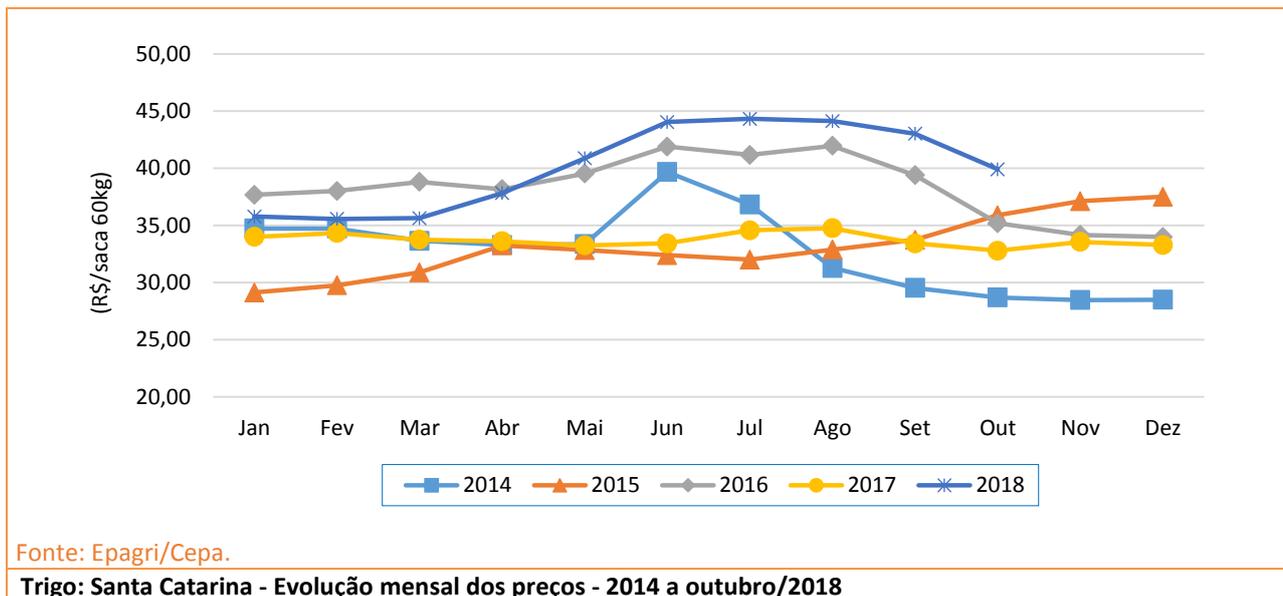
Estado	set/18	out/18	variação mensal (%)	out/17	variação anual 2017-18 (%)
Santa Catarina	43,02	39,90	-7,25	32,79	21,68
Paraná	46,54	42,90	-7,82	32,34	32,65
Rio Grande do Sul	42,13	40,46	-3,96	30,31	33,49
São Paulo	54,21	52,07	-3,95	36,35	43,25

Nota: SC e PR - Trigo Pão PH78, RS e SP - Trigo em Grão Nacional.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS e SP). Outubro/2018

Na Figura abaixo é analisado o comportamento dos preços pagos aos produtores no mercado catarinense nos últimos cinco anos. Como se pode observar, os preços praticados ao longo deste ano, sobretudo a partir de abril, tiveram comportamento altista, com pico de preços no mês de julho, mas agora vem decaindo gradativamente. Cabe ressaltar que os preços foram corrigidos pelo IGP-DI, transformando os valores nominais para valores reais. Essa correção nos preços é necessária para que seja possível desconsiderar a inflação ao longo do período.

A partir de dezembro, em função da entrada da nova safra e do término dos estoques de trigo nos moinhos, os preços devem reagir positivamente. Os produtores que tiverem trigo de boa qualidade provavelmente comercializarão sua produção a preços melhores. Porém, em algumas regiões, em função de problemas climáticos na época da colheita, a qualidade do produto colhido está severamente comprometida. Os produtores dessas regiões, em muitos casos, estão vendendo a produção como “triguilho” para produção de ração animal.



Fonte: Epagri/Cepa.

Trigo: Santa Catarina - Evolução mensal dos preços - 2014 a outubro/2018

O cenário nas demais regiões do país, em relação às condições das lavouras que estão a campo, segundo a Conab, é o seguinte. Na Bahia, a área cultivada chega a 5 mil hectares; são áreas irrigadas com potencial de produção de 6.000kg/ha, com previsão que a colheita encerre em outubro. O Mato Grosso do Sul previa cultivar cerca de 28 mil hectares de trigo, um incremento na produção na ordem de 58%, com projeções para produção total de 61,6 mil toneladas. O estado de Goiás deverá colher cerca de 13 mil hectares, aumento de 18% em relação à área plantada na safra passada, quanto à produção, o acréscimo deverá ser de 20%, atingindo cerca de 70 mil toneladas. Já em Minas Gerais, a área cultivada com trigo sofreu uma ligeira redução de 1,1% em relação à safra anterior, com plantio em 2018 de cerca de 84 mil hectares, sendo que a colheita está praticamente concluída.

Na Argentina, nosso principal fornecedor de trigo, é projetada a colheita de 19,4 milhões de toneladas na safra corrente, redução na produção de cerca de 300 mil toneladas do esperado inicialmente. As lavouras implantadas mais cedo sofreram com estiagem na fase de enchimento de grão. Estas foram as primeiras a ser colhidas, com registro de rendimentos bastante heterogêneos, na faixa de 1.450kg/ha, e um volume acumulado 250 mil toneladas colhidas. Lotes melhores estão sendo esperados para as lavouras mais tardias, com rendimentos superiores a 2.100kg/ha.

Em Santa Catarina, cerca de 31% da área plantada com trigo na safra 2018/19 já foi colhido. Na região de Chapecó, o clima chuvoso e com poucas aberturas de sol está prejudicando a evolução das operações de colheita. Em cerca de 5% da área colhida na região a qualidade do produto foi considerada ruim, com PH entre 70 a 74%. No restante das áreas já colhidas a qualidade foi superior, atingindo produtividades entre 3.300 a 3.600kg/ha e com PH acima de 78%.

Na região norte do estado, o clima ruim também está comprometendo a qualidade do produto e o rendimento das lavouras de trigo. Apesar das operações de colheita estarem previstas para as próximas semanas, são visíveis os danos causados pelo excesso de chuvas e baixa luminosidade. Para uma boa maturação, clima seco e luminosidade são condições essenciais. Por isso são esperados rendimentos abaixo de 3.000 kg/ha e com a qualidade desejada (PH 78) não seja atingida. Nas regiões de Curitiba e Joaçaba as previsões também são de que haverá redução nos rendimentos médios e perda na qualidade do produto colhido. Caso o clima colabore, e com a evolução da colheita, espera-se que as expectativas melhorem.

Neste mês de outubro foram atualizadas as estimativas para todas as microrregiões produtoras de trigo no estado. Para esta safra, é esperada a colheita de cerca de 52,5 mil hectares, com destaque para as microrregiões de Canoinhas, Chapecó e Xanxerê, que respondem por cerca de 70% da área plantada e 68,5% da produção estadual de trigo. Apesar da expectativa de redução de área estadual em 1%, os dados apontam para um incremento no volume produzido na ordem de 29%, o que corresponde a um acréscimo de 37 mil toneladas em comparação a safra passada. Quanto ao rendimento médio, é esperado um incremento de 30%, passando dos 2.417kg/ha da safra passada para 3.148kg/ha.

Trigo Grão: Santa Catarina – Comparativo da safra 2017/18 e da estimativa da safra 2018/19

Microrregião	Safra 2017/18			Estimativa atual Safra 2018/19			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	540	1150	2130	285	607	2130	-47	-47	0
Canoinhas	9580	27957	2918	11110	34900	3141	16	25	8
Chapecó	14030	34722	2475	11759	33186	2822	-16	-4	14
Concórdia	915	2246	2455	432	1193	2762	-53	-47	13
Curitibanos	7510	16002	2131	7500	27000	3600	0	69	69
Ituporanga	505	1054	2086	765	1848	2416	51	75	16
Joaçaba	3440	7512	2184	3131	11690	3734	-9	56	71
Rio do Sul	225	485	2156	190	492	2589	-16	1	20
São Bento do Sul	150	357	2383	230	690	3000	53	93	26
São M. do Oeste	2507	6511	2597	3048	8504	2790	22	31	7
Xanxerê	13795	30570	2216	14100	45333	3215	2	48	45
Outras ⁽¹⁾	20	36	1800						
Santa Catarina	53217	128602	2417	52550	165443	3148	-1	29	30

⁽¹⁾ Safra 2017/18: dados da MRG de Blumenau.

Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2018).

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Safra de alho em Santa Catarina está na fase de maturação e início de colheita

A nova safra de alho em Santa Catarina se aproxima da fase final de desenvolvimento e, em alguns casos, já se inicia a colheita.

Desde os anos 70, o estado catarinense se mantém como um dos principais produtores brasileiros da hortaliça. Atualmente, é o terceiro maior estado produtor, com aproximadamente 2.408ha plantados na safra 2018/19, segundo dados da Epagri/Cepa, atrás de Minas Gerais e Goiás.

Apesar dos resultados econômicos não terem sido bons na safra 2017/2017, os produtores, de modo geral, em função da disponibilidade de alho semente nas propriedades, tradição, infraestrutura disponível, canais de comercialização e inserção no mercado, dentre outros fatores, aumentaram a área de produção de alho em Santa Catarina em pelo menos 5%.

As condições climáticas em que se desenvolve a atual safra de alho catarinense, com falta de chuvas no mês de agosto, levando ao uso da irrigação, com conseqüente aumento dos custos da produção, e, posteriormente, com ocorrência de baixas temperaturas no período de diferenciação dos bulbos, contribuindo para a ocorrência do superbrotamento, que é uma situação não desejada, pois afeta a formação dos bulbilhos, poderão ocasionar a depreciação comercial do produto a ser colhido.

Contudo, ainda não há uma avaliação geral sobre as dimensões das perdas da produção ocasionadas pelo chamado superbrotamento. São diversos os fatores que podem contribuir para a ocorrência do problema, destacando-se, como possíveis, o excesso de adubação nitrogenada, época de plantio, condições e manejo do solo. Outro fator importante é a ocorrência de baixas temperaturas em período crítico da cultura. Nesse sentido, são fortes as evidências de que as baixas temperaturas ocorridas no mês de setembro podem ter sido decisivas para a ocorrência do problema.

Nesse sentido, os produtores e suas representações estão buscando embasamento técnico para que as possíveis perdas na produção possam ser enquadradas como perdas amparadas pelo Proagro e Proagro Mais e, assim, amenizar os prejuízos da atividade.

Desta forma, produtores e suas organizações, além de buscar amparo às perdas de produção, seguem com a pauta de reivindicações, conforme já relatado no boletim do mês passado, que resumidamente são:

- a) reivindicar à Secretaria da Agricultura e da Pesca – SAR a elaboração de plano estadual de apoio a produção do alho em Santa Catarina;
- b) junto a Camex/MDIC, buscar negociação de cotas e transparência na concessão das autorizações de importação de alho em termos de quantidades e distribuição temporal da internalização do produto;
- c) ajustes e adequações do Programa de Garantia de Preços da Agricultura Familiar - PGPAF, para que as operações de crédito rural do Pronaf para a cultura do alho, em caso de problemas de mercado, possam contar com efetiva cobertura de parte das perdas em função de baixos preços, e
- d) manutenção da taxa *antidumping* para o alho chinês e a Lista de Exceção da Tarifa Externa Comum - Letec para o alho oriundo dos países fora do Mercosul.

Em relação ao mercado para a safra catarinense a ser colhida, há uma série de fatores que poderão influenciar no preço a ser pago aos produtores: o final da comercialização da safra do Centro Oeste, que poderá se prolongar até o início do próximo ano, do preço com que o alho argentino chegar ao Brasil e como sempre, o valor de comercialização do alho chinês no país.

Na Tabela 1 é apresentado um breve comparativo das importações de alho pelo Brasil dos últimos três anos. O ano de 2018 tende a fechar com um volume total entre o que ocorreu em 2016 e 2017. Especificamente para a situação catarinense, percebe-se que a importação de alho no primeiro semestre de 2018, especialmente de janeiro a maio, período de forte comercialização da produção de Santa Catarina, os volumes foram superiores aos dois anos anteriores. Essa conjuntura contribuiu para achatar os preços de comercialização dos produtores, afetando fortemente a rentabilidade da atividade.

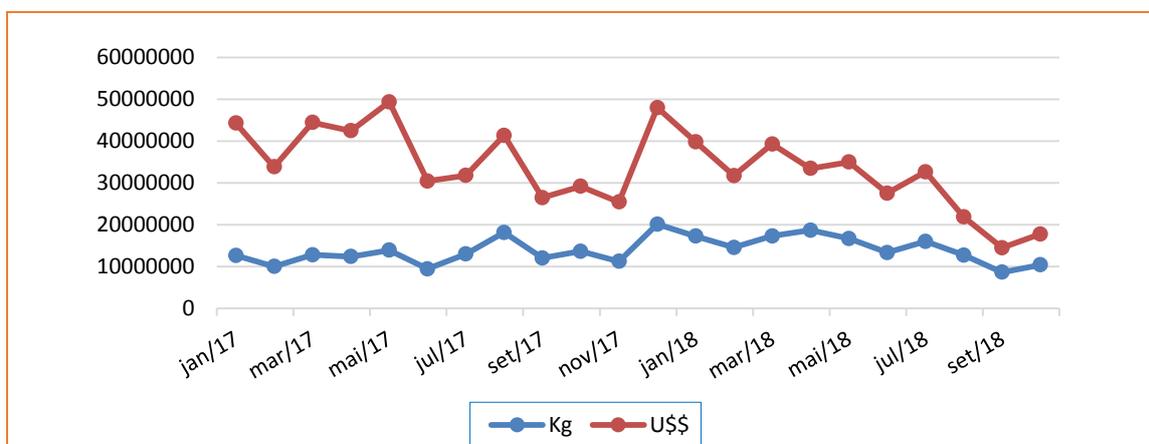
A média mensal de entrada de alho em 2016 foi de 14,41 mil toneladas, totalizando no ano 172,97 mil toneladas. Em 2017, o volume importado foi de 159,20 mil toneladas, média mensal de 13,26 mil toneladas, redução de cerca de 8%. Em 2018, de janeiro a outubro a média mensal de importação foi de 15,53 mil toneladas, volume superior à média dos dois anos anteriores, com o agravante que os maiores volumes foram internalizados exatamente no período de comercialização da safra catarinense.

Tabela 1. Alho: Brasil - Importações de 2016-18 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	6,03	9,06	14,20	172,97
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	18,65	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	-	-	145,39

Fonte: Comexstat/MDIC: novembro/2018.

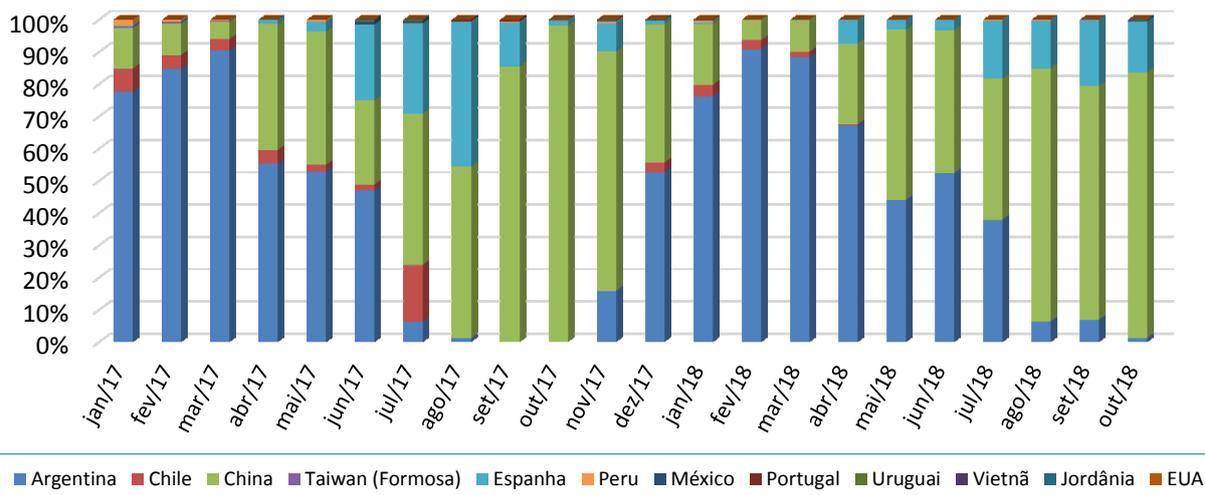
Em relação aos preços no mercado internacional do alho, houve redução acentuada desde junho de 2017, que, embora com uma pequena recuperação em outubro, ainda estão extremamente deprimidos. Para exemplificar, de janeiro a junho de 2017 o preço FOB do alho importado pelo Brasil ficou, em média, entre US\$ 2,20 e US\$ 2,54/Kg. A partir de julho/17, passou para US\$ 1,44/kg, com quedas constantes, atingindo US\$ 0,67/Kg em setembro de 2018. Em outubro, houve pequena recuperação, passando para um valor médio de US\$ 0,70/kg (Figura 1). Essa conjuntura de mercado coloca sérios desafios aos produtores de Santa Catarina no próximo período.



Fonte: Comexstat/MDIC: novembro/2018.

Figura 1. Alho: Brasil - Volume e valores da importação de alho mês a mês - 2017 e jan-out./2018

Na figura abaixo, são apresentados os países fornecedores de alho ao Brasil. No mês de outubro de 2018, o principal fornecedor continuou sendo a China, com 8,56 mil toneladas, perfazendo 82,39 % do total do alho importado no período, seguido pela Espanha, com 1,64 mil toneladas, com 15,78 %, e a Argentina, com 0,14 mil toneladas, equivalendo a 1,35% do total importado, e a Jordânia, com 0,052 mil toneladas, perfazendo 0,48%.



Fonte: Comexstat/MDIC: novembro/2018.

Figura 2. Alho: Brasil - Participação % dos países fornecedores de alho- jan. a dez. 2017 e jan.a out./2018

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

A atual safra de cebola encontra-se na fase final de desenvolvimento vegetativo, com os materiais superprecoces e precoces em maturação ou mesmo em colheita, especialmente no Alto Vale do Itajaí e microrregião do Tabuleiro. A safra inicia com preços que variam de R\$ 0,90 a R\$ 1,00/kg, segundo a Epagri/Cepa.

Nas regiões de Joaçaba, Serra Catarinense e Planalto Norte Catarinense, onde o plantio é mais tardio, encerrado no final do mês de agosto, as lavouras estão no período de desenvolvimento vegetativo.

A cultura se desenvolveu, até o momento, com algumas condições climáticas adversas. No mês de agosto, houve falta de chuva em praticamente todas as regiões produtoras catarinenses, obrigando os produtores em usar irrigação, com conseqüentemente elevação dos custos de produção. Por outro lado, nos meses de setembro e outubro ocorreram alguns períodos de excesso de chuvas, que propiciaram condições favoráveis para o desenvolvimento de algumas doenças foliares, como míldio. Nesse caso, os produtores tiveram que fazer uso de tratamentos fitossanitários para evitar prejuízos maiores na produção.

Com relação aos resultados e a qualidade da safra catarinense de cebola, esta depende, em grande parte, do comportamento climático até o final do desenvolvimento da cultura, visto que a possibilidade da ocorrência de *El Niño* pode intensificar as precipitações acima da média e prejudicar a qualidade da produção.

As expectativas da cadeia produtiva em relação ao mercado para a presente safra, que caminha para a fase final de desenvolvimento e início da colheita, são de observação do comportamento da oferta da produção nacional das regiões produtoras que antecedem a entrada da produção de Santa Catarina, como o Sudeste e Cerrado, e, por outro lado, a tendência de menor oferta internacional, que pode favorecer os produtores catarinenses.

Corroborando com esse cenário de oferta internacional menor a inclusão da hortaliça na Letec em 2017, que tornou a importação menos competitiva, e a redução da produção por ocorrência de estiagem na Holanda, Alemanha, Inglaterra e Bélgica. Para ilustrar a situação, no mês de outubro o único país a exportar cebola para o Brasil foi a Espanha, com volume total de apenas 230,4 toneladas, segundo dados do Comexstat/MDIC.

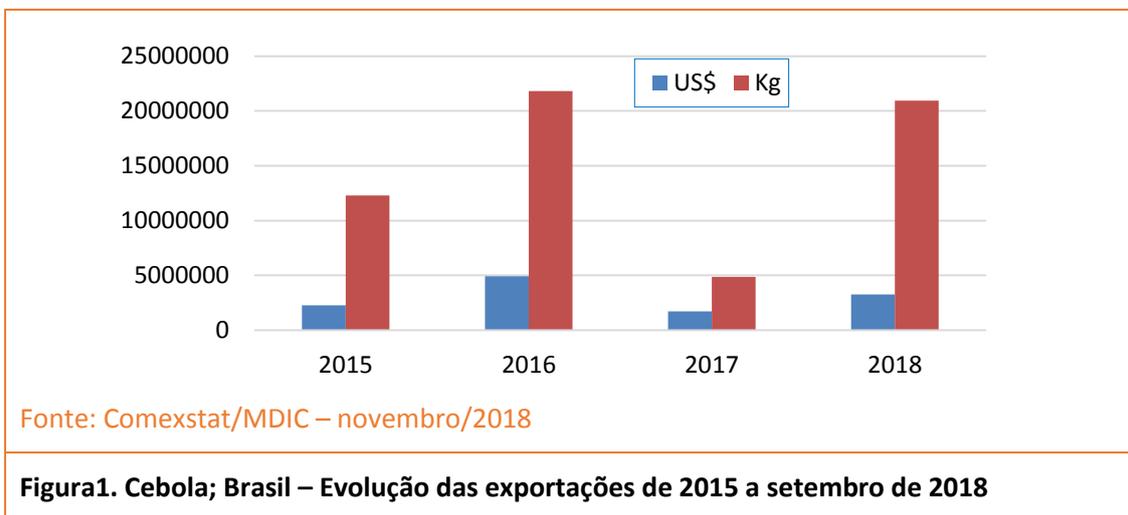
Em função da alta oferta da hortaliça de produção nacional, associada ao excesso de chuvas na colheita, que diminuiu a qualidade dos bulbos, o início do mês de outubro foi marcado por mercado desaquecido e preços baixos. A conjuntura de comercialização não foi boa, o que levou produtores de municípios paulistas, como Monte Alto e São José do Rio Pardo, a optarem por gradear ou deixar os bulbos na lavoura, segundo a revista Hortifruti/Cepea.

No final da primeira e início da segunda quinzena do mês de outubro, o mercado reagiu em função da menor oferta do produto, contribuindo para aumento dos preços pagos aos produtores. No entanto, a melhoria momentânea dos preços foi propiciada pela estratégia dos produtores da região de Cristalina (GO) de reduzir o ritmo de colheita e pela ocorrência de chuvas na região Sudeste, que dificultou a colheita, especialmente em Monte Alto e São José do Rio Pardo (SP).

A adversidade do mercado enfrentada por produtores paulistas, do Triângulo Mineiro e goianos (Cristalina), decorreu de pelo menos três fatores importantes, como o aumento da área plantada, que variou de 5% a 10% em alguns casos, a alta produtividade, que contribuiu para elevar a oferta e, finalmente, as condições

climáticas, com excesso de chuva na colheita que prejudicou a qualidade do produto nas referidas regiões.

Em relação à exportação de cebola, de janeiro a outubro de 2018 o Brasil exportou uma média mensal de 2.092 toneladas. O faturamento total foi de US\$ 3.263.471,00, equivalente a um preço médio de US\$ 0,156/Kg.



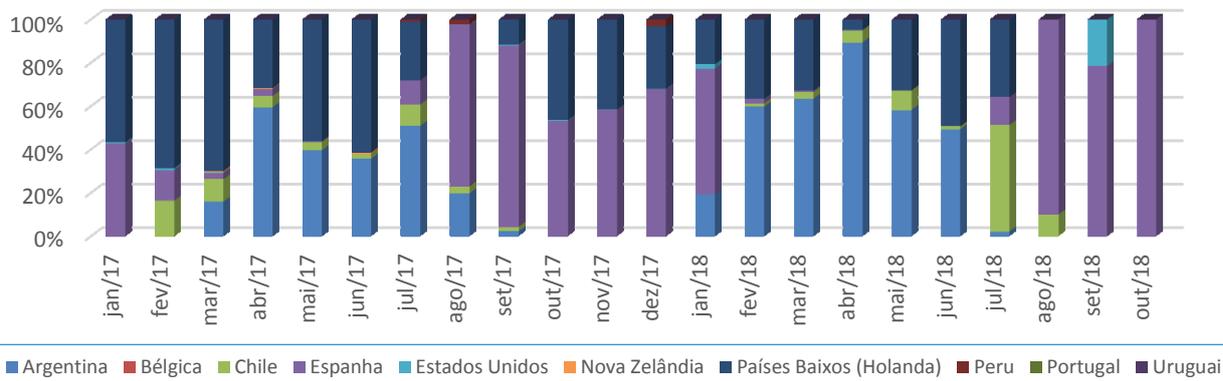
A média do volume de exportação de cebola no ano de 2018 é a maior dos últimos quatro anos. As exportações tiveram como destino o Paraguai, Argentina e Uruguai, basicamente em embalagem tipo “saquinho” de 18 kg, (Figura 1).

No mercado atacadista da Central de Abastecimento Ceasa/SC, unidade de São José – SC, o preço da cebola, no atacado, iniciou o mês de outubro com preço médio de 0,88 R\$/kg, alcançando R\$ 1,18/kg no final da primeira quinzena e fechando o mês com R\$ 1,38/kg, uma melhora de 36% em relação ao início do mês.

Na Ceagesp, principal central nacional de abastecimento, a cebola finalizou o mês de outubro com preço de R\$ 1,82/kg, contra R\$ 1,03/Kg (caixa 3) do final de setembro, melhora de 43,40%. Na primeira semana de novembro os preços tiveram redução de 4,9% em relação ao fechamento de outubro. Porém, a segunda semana abriu com preço de R\$ 2,03/kg, melhora de 10,43% em relação ao final de outubro.

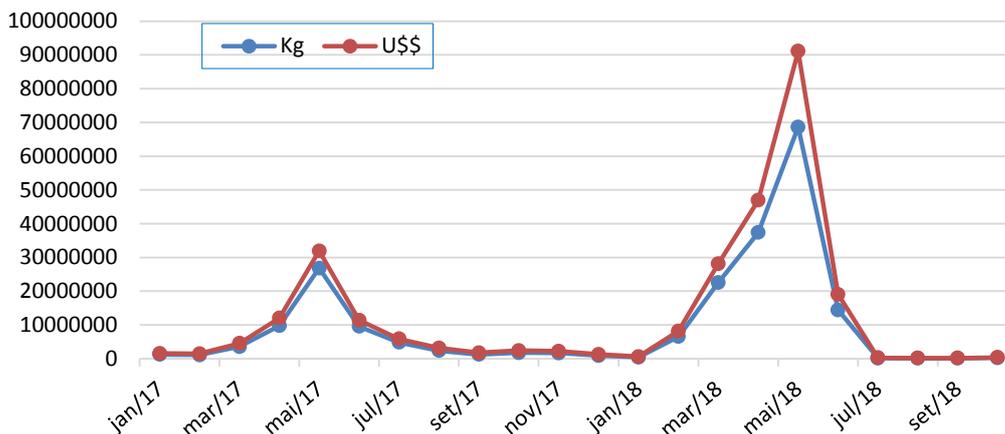
Quanto à importação, no mês de outubro o Brasil recebeu cebola somente da Espanha, em volume de apenas 230,4 toneladas. Caso raro, mas no mês de outubro o Brasil exportou 20,9 mil toneladas e importou somente 230,4 toneladas, um saldo positivo de 20,69 mil toneladas (Figuras 2 e 3).

Em termos de valores, o dispêndio com importação de cebola foi de US\$ 148.910, preço FOB, com custo médio de US\$ 0,65/kg, valor 7,69% superior ao praticado no mês anterior, que foi de US\$ 0,60/kg.



Fonte: Comexstat/MDIC – setembro/2018.

Figura 2. Cebola: Brasil - Participação percentual dos países fornecedores – 2017 – jan./out-2018



Fonte: Comexstat/MDIC – setembro/2018.

Figura 3. Cebola: Brasil - Importação mês a mês - 2017 e jan./out.-2018

Em relação ao comportamento e evolução das importações (Figura 3), observa-se que, a partir de maio deste ano, houve drástica redução, que se estendeu até julho. Nos meses seguintes se estabilizou em volumes bastante baixos, com os meses de agosto e setembro com pouco mais de 115 toneladas e outubro com pouco acima de 230 toneladas.

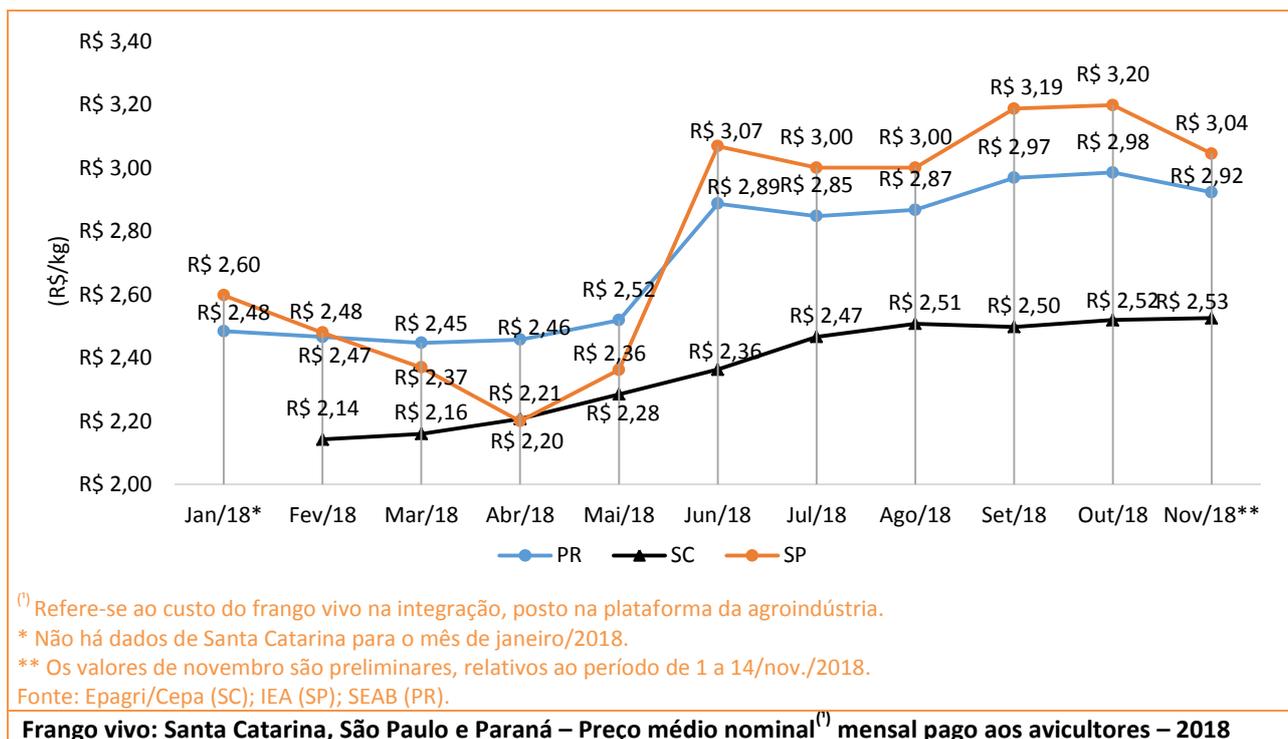
Pecuária

Avicultura

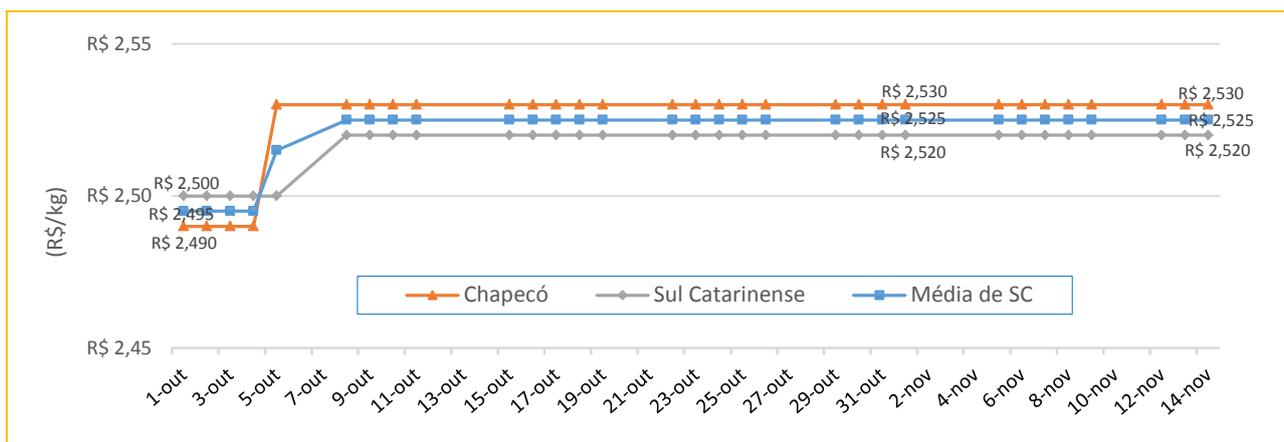
Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Os preços do frango vivo, que vinham se recuperando nos últimos meses, sofreram novo revés na maioria dos estados analisados no presente boletim, conforme demonstram os dados referentes à primeira quinzena de novembro. Em São Paulo, a queda em relação à média de outubro é de 4,79%. No Paraná, embora o resultado também seja negativo, a variação foi menos intensa: -2,08%. Santa Catarina, até o momento, registra oscilação positiva no preço médio estadual, mas em percentual bastante reduzido: 0,23%.

Apesar da predominância de variações negativas neste mês, na comparação com novembro de 2017 o resultado ainda é positivo nos três estados: 17,89% em Santa Catarina, 17,68% no Paraná e 17,21% em São Paulo. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,56%, segundo o IPCA/IBGE.



Nas últimas semanas, os preços de frango vivo apresentaram comportamento semelhante nas duas praças de Santa Catarina em que se realiza a coleta de informações. Em ambos os casos, registrou-se pequeno aumento no início de outubro e posterior estabilização no restante do período. No Sul Catarinense, o preço preliminar de novembro está apenas 0,18% acima da média de outubro. Em Chapecó, essa diferença é de 0,28%. A média estadual de novembro é 0,23% superior à de outubro.



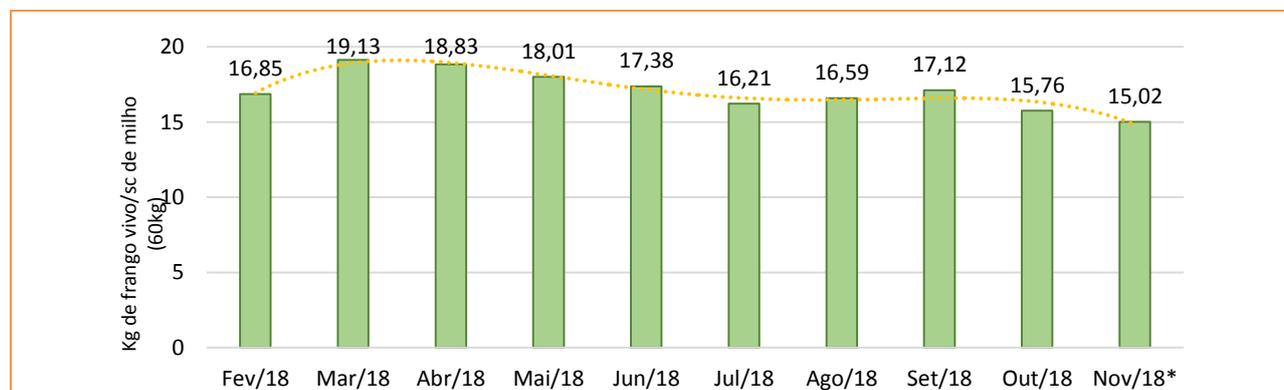
(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Fonte: Epagri/Cepa.

Frango vivo: Santa Catarina – Preço médio nominal⁽¹⁾ diário pago aos avicultores de duas regiões e média estadual – 1/out. a 14/nov./2018

Em outubro, o Índice de Custos de Produção do Frango (ICPFrango), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, registrou queda de 1,63% em relação ao mês anterior. No ano, esse indicador acumula alta de 17,01%, principalmente em função da elevação dos custos com alimentação (+14,65% no ano). A variação acumulada de novembro de 2017 a outubro de 2018 foi de 20,77%.

Pelo segundo mês consecutivo, a relação de equivalência insumo/produto apresentou variação negativa, após leves altas em agosto e setembro. A queda em relação a outubro é de 4,67%. Essa baixa é decorrente da redução no preço do milho (-4,40%), tendo também pequena influência da oscilação positiva no preço do frango na praça de Chapecó (0,28%). Em novembro, a relação de equivalência atingiu seu menor valor no ano. O valor atual também está 9,92% abaixo do registrado no mesmo mês de 2017.



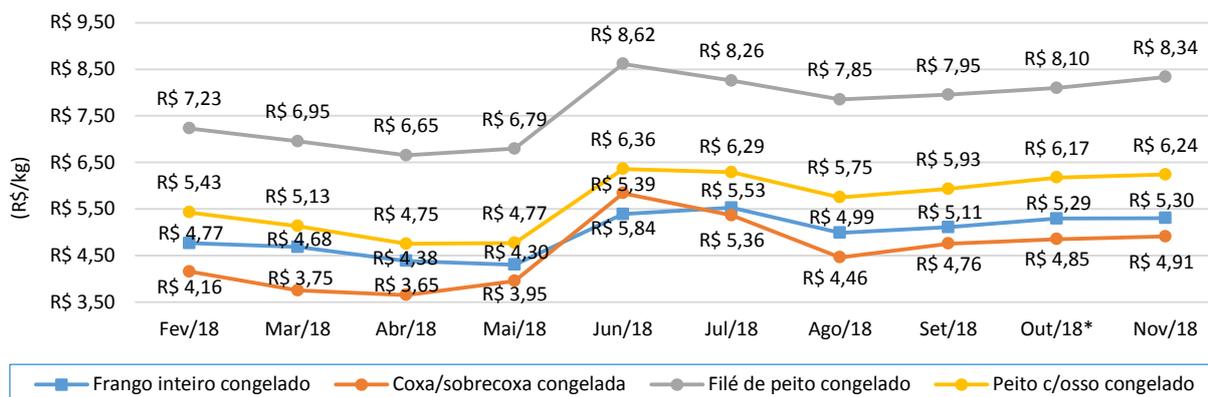
Para cálculo da relação de equivalência insumo/produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2018.

* O valor de novembro é preliminar, relativo ao período de 1 a 14/nov./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Santa Catarina: Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho – 2018

O mercado atacadista, mais uma vez, apresenta tendência de alta. Em todos os quatro cortes acompanhados pela Epagri/Cepa observou-se alta no preço preliminar de novembro em relação a outubro: filé de peito congelado (2,92%), coxa/sobrecoxa congelada (1,21%), peito com osso congelado (1,07%) e frango inteiro congelado (0,24%). Na comparação com novembro de 2017, os quatro cortes estão em média 10,60% mais caros.



* Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/nov./2018.

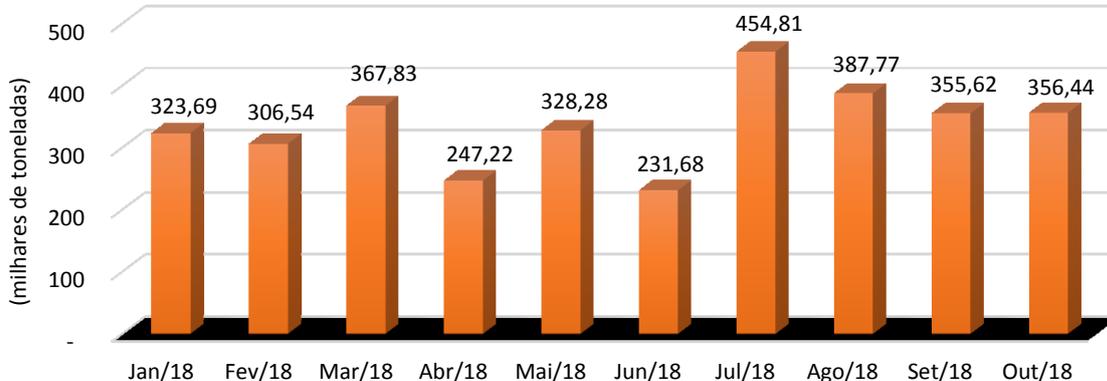
Fonte: Epagri/Cepa.

Carne de frango: Santa Catarina – Atacado – Preço médio mensal estadual – 2018

As altas registradas nos últimos meses estão relacionadas principalmente a dois fatores: a) recuperação nas exportações de carne de frango no início do 2º semestre, após um 1º trimestre apenas mediano e um 2º trimestre ruim para o setor; b) queda na produção nacional de frangos ao longo deste ano, o que reduz a disponibilidade dessa carne no mercado e conduz à elevação nos preços. Além disso, recentemente divulgou-se nota da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), que informava pretensão das agroindústrias de elevar em até 15% o preço da carne de frango e carne suína, de forma a cobrir o aumento nos custos de produção.

No que diz respeito à produção, em meados de novembro o IBGE divulgou os números preliminares da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais. De acordo com esses dados, no 3º trimestre foram abatidos 1,42 bilhão de frangos, aumento de 3,4% em relação ao trimestre anterior, mas queda de 4,0% na comparação com o 3º trimestre de 2017. O peso total das carcaças foi de 3,38 milhões de toneladas no 3º trimestre deste ano, o que representa retração de 0,1% em relação ao trimestre anterior e de 2,4% frente ao mesmo período de 2017.

Conforme demonstram os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em outubro registrou-se leve alta na exportação brasileira de carne de frango. O país exportou 356,44 mil toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), montante 0,23% superior ao mês anterior. Contudo, na comparação com outubro de 2017 o resultado é levemente negativo: -0,67%.



Fonte: MDIC / Comex Stat.

Carne de frango: Brasil – Exportações – 2018

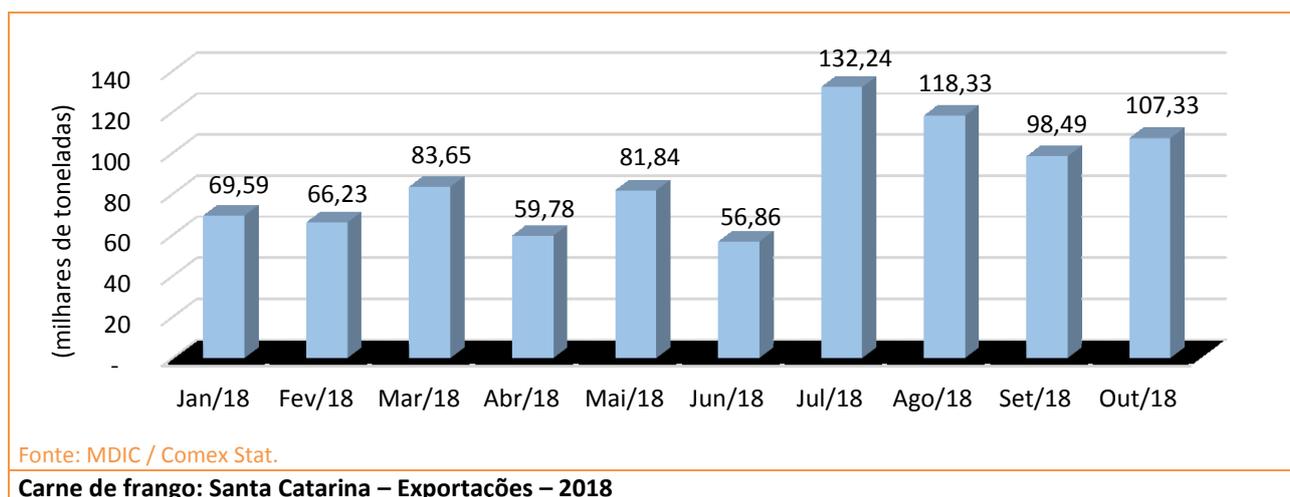
No caso das receitas, o desempenho é negativo em ambas as comparações: o valor exportado foi de US\$ 567,84 milhões, queda de 0,82% em relação ao mês anterior e de 8,95% na comparação com outubro de 2017.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango no mês passado foram Arábia Saudita, China, Japão, Emirados Árabes Unidos e Países Baixos, que foram responsáveis por 48,93% das receitas obtidas no período.

As receitas acumuladas de janeiro a outubro somam US\$ 5,32 bilhões, queda de 12,30% em relação ao mesmo período de 2017. Em termos de quantidade, no período mencionado foram exportadas 3,36 milhões de toneladas, 6,67% menos que no ano anterior.

Nas duas primeiras semanas de novembro (6 dias úteis) registra-se aumento na média diária de embarques de carne de frango *in natura* em relação a outubro, conforme demonstram os dados do MDIC: crescimento de 25,50% em valor e 21,39% em quantidade. Na comparação com novembro de 2017, também se observam aumentos nas médias diárias: 19,96% em valor e 25,35% em quantidade.

Diferentemente do cenário nacional, no mês passado Santa Catarina registrou aumento nas exportações de carne de frango. Foram embarcadas 107,33 mil toneladas, volume 8,97% superior ao de setembro. Na comparação com outubro de 2017, o resultado é ainda mais positivo: 28,60% de aumento.



As receitas também apresentaram variação positiva em outubro: US\$ 174,17 milhões, crescimento de 5,52% em relação ao mês anterior e de 5,83% na comparação com outubro de 2017.

Os cinco principais destinos da carne de frango catarinense foram responsáveis por 52,03% do valor exportado pelo estado em outubro, conforme apresentado na tabela a seguir.

Carne de frango: Santa Catarina – Principais destinos das exportações – Outubro/2018		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	24.717.443,00	14.521
Arábia Saudita	21.887.551,00	12.891
China	18.278.674,00	11.219
Países Baixos (Holanda)	14.001.462,00	4.850
Emirados Árabes Unidos	11.731.202,00	7.269
Demais países	83.552.181,00	56.577
Total	174.168.513,00	107.327

Fonte: MDIC/Comex Stat.

Os resultados positivos do mês passado em relação a outubro de 2017 devem-se à expansão nas exportações para os principais compradores: Japão (-6,16% em valor, mas aumento de 26,65% em quantidade), Arábia Saudita (155,02% em valor e 169,15% em quantidade), China (20,71% em valor e 39,14% em quantidade) e Emirados Árabes Unidos (29,85% em valor e 55,39% em quantidade). Também merecem destaque os resultados positivos de outros importantes destinos, como Iraque (29,03% em valor e 45,22% em quantidade), Egito (115,30% em valor e 105,80% em quantidade) e Kuwait (196,37% em valor e 247,56% em quantidade).

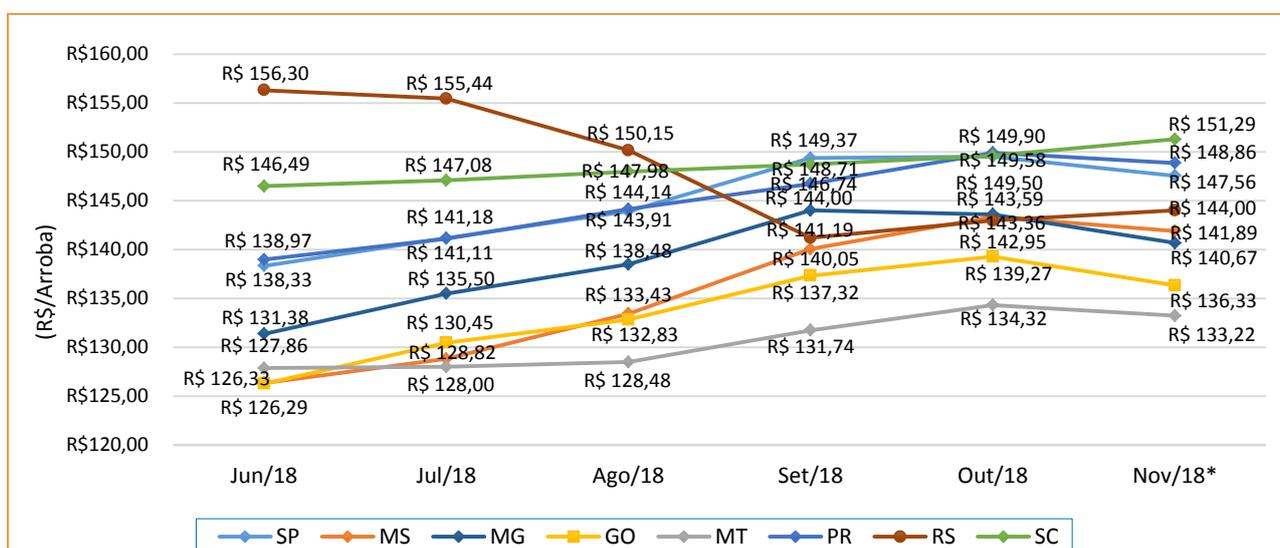
As receitas acumuladas com as exportações catarinenses de carne de frango de janeiro a outubro atingiram US\$ 1,47 bilhão, queda de 4,47% na comparação com o mesmo período de 2017. Por outro lado, em termos de quantidade foram exportadas 874,32 mil toneladas nos dez primeiros meses do ano, aumento de 5,92% em relação ao ano anterior.

Em meados de novembro, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento divulgou o credenciamento, por parte do governo mexicano, de 26 novas plantas frigoríficas aptas a exportar carne de frango para o México, o que pode aumentar os embarques para aquele país a partir do próximo ano.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandrejiehl@epagri.sc.gov.br

Depois de cinco meses de predomínio dos movimentos de alta, em novembro a maioria dos estados registrou recuo nos preços do boi gordo. Seis dos oito estados analisados no Boletim Agropecuário apresentam variação negativa na comparação com as médias de outubro: Goiás (-2,11%), Minas Gerais (-2,04%), São Paulo (-1,30%), Mato Grosso do Sul (-1,03%), Mato Grosso (-0,82%) e Paraná (-0,69%). Santa Catarina apresenta alta de 1,14%. O Rio Grande do Sul, que começou a exibir quedas significativa a partir de julho, nos últimos dois meses vem recuperando parte das perdas acumuladas no período anterior e registra alta de 0,73% no preço preliminar de novembro.



* Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/nov./2018.

Fonte: Epagri/Cepa⁽¹⁾; Cepea⁽²⁾; SEAB⁽³⁾; Nespro⁽⁴⁾.

SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: Evolução dos preços da arroba de boi gordo – 2018

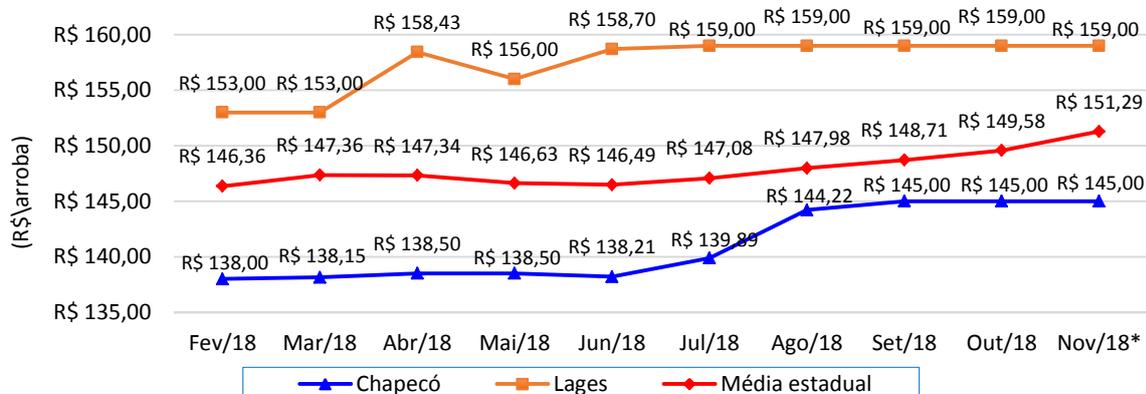
Segundo nota do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq/USP), essa baixa nas cotações deve-se à redução na demanda por parte dos frigoríficos e maior oferta de animais de confinamento. Apesar do crescimento das exportações em 2018, a demanda interna por carne bovina segue arrefecida, resultado dos problemas enfrentados pela economia brasileira, o que empurra as cotações para baixo.

Não obstante as recentes quedas, na comparação com novembro de 2017 o resultado ainda é positivo em todos os estados: Mato Grosso do Sul (10,17%), Paraná (7,37%), São Paulo (5,67%), Mato Grosso (4,73%), Goiás (4,07%), Minas Gerais (3,51%), Santa Catarina (2,88%) e Rio Grande do Sul (0,81%). A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,56%, segundo o IPCA/IBGE.

Apesar da variação na média estadual, os preços preliminares de novembro mantiveram-se inalterados nas duas praças de referência para o boi gordo em Santa Catarina (Chapecó e Lages⁸), em relação ao mês

⁸ A partir da edição nº 61 do Boletim Agropecuário as praças de referência para a bovinocultura passaram a ser Chapecó e Lages (esta última em substituição a Rio do Sul). Essas duas praças representam as mesorregiões catarinenses mais importantes na pro-

anterior. Os preços atuais estão acima daqueles praticados em novembro do ano passado nas duas praças: 4,69% em Chapecó e 4,61% em Lages (3,96%).

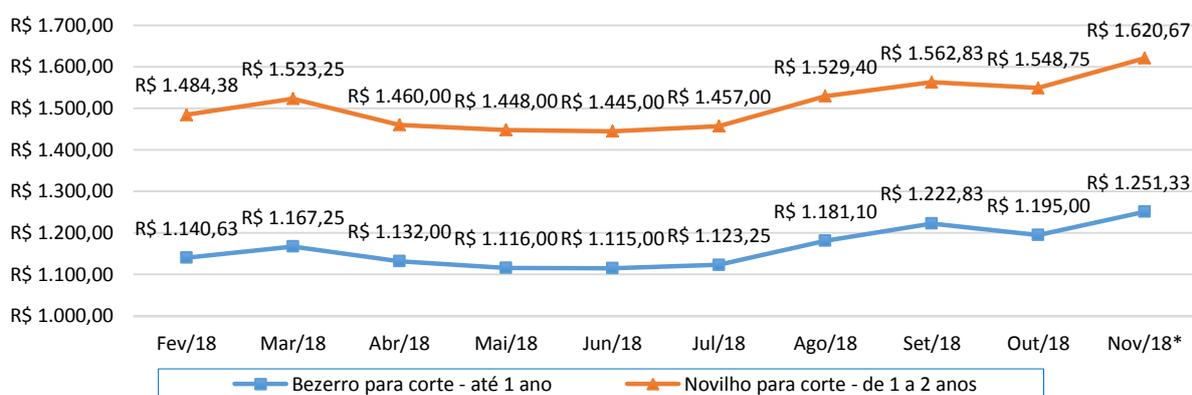


* Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/nov./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Boi gordo: Santa Catarina – Evolução do preço médio mensal nas praças de referência e média estadual – 2018

Após pequena queda em outubro, o mercado de animais de reposição voltou a registrar altas significativas em ambas as categorias. Em novembro, o preço preliminar dos bezerros até 1 ano subiu 4,71% em relação ao mês anterior. Os novilhos de 1 a 2 anos registram variação semelhante, de 4,64%. Quando se comparam os preços atuais com aqueles praticados em novembro de 2017, observam-se aumentos expressivos tanto para bezerros (11,27%) quanto para novilhos (10,34%).



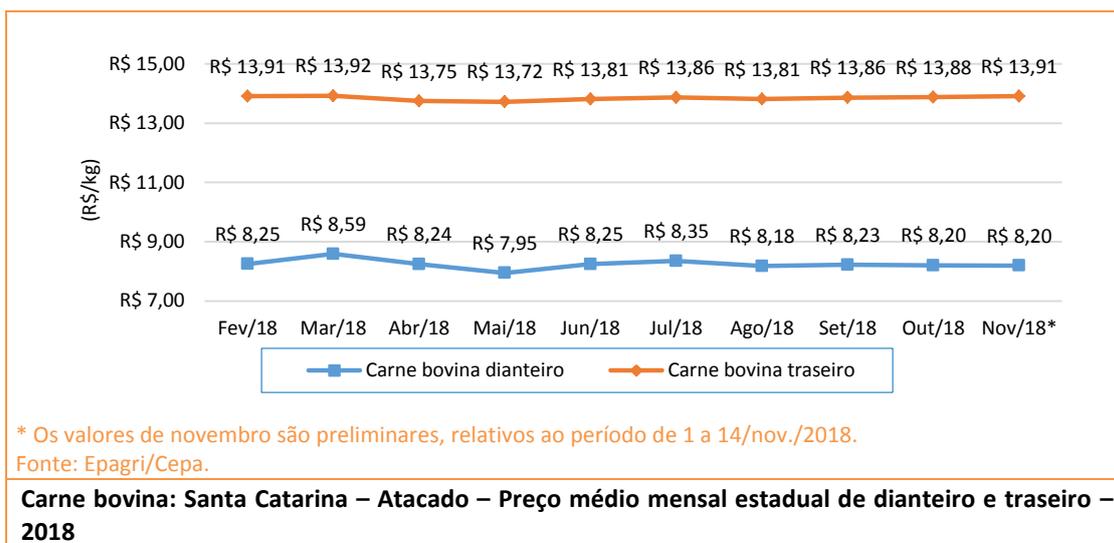
* Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/nov./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Bezerro e novilho para corte: Santa Catarina – Evolução do preço médio estadual – 2018

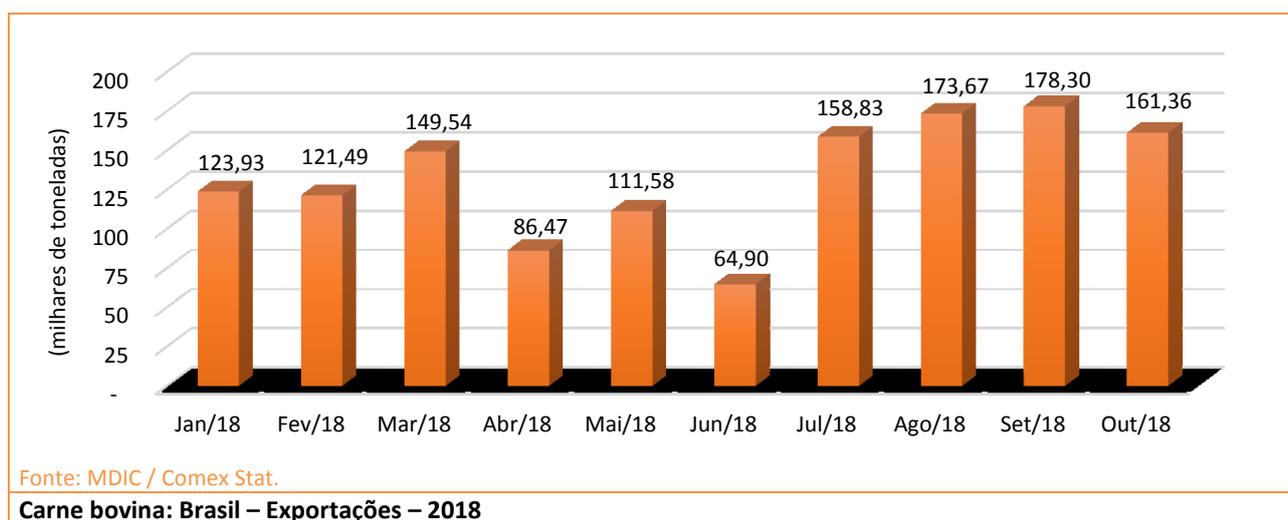
O mercado atacadista segue estável, com variações pouco significativas em todos os cortes analisados, conforme demonstra o levantamento realizado pela Epagri/Cepa.

dução de bovinos para abate: Oeste Catarinense (48,1% do total de animais produzidos em 2017) e Serrana (14,3%). Os preços referentes à praça de Rio do Sul continuarão a ser coletados e divulgados na página eletrônica do Cepa.



A carne de traseiro, por exemplo, apresenta alta de apenas 0,22% no preço médio preliminar de novembro em relação ao mês anterior. Na comparação com novembro de 2017, verifica-se diferença de 1,39% em favor do preço atual.

Já a carne de dianteiro registra pequena oscilação negativa de -0,11% em relação ao mês anterior. Na comparação com novembro do ano passado, o preço atual é 4,79% menor. Esses resultados não deixam de ser surpreendentes, já que os cortes da parte traseira do bovino costumam apresentar valor mais elevado que os da parte dianteira e, num contexto de crise, esses últimos têm maior procura por parte dos consumidores. Assim, seria de se esperar que uma demanda mais consistente por cortes mais baratos fizesse o preço dos mesmos subir a taxas superiores às dos cortes mais caros. Contudo, os preços coletados pela Epagri/Cepa demonstram justamente o contrário.



Depois de três meses consecutivos de crescimento, em outubro as exportações brasileiras de carne bovina registraram queda de 9,50% em relação ao mês anterior. Apesar disso, as 161,36 mil toneladas (*in natura*, industrializada e miudezas) embarcadas no mês passado representam crescimento de 12,17% quando comparadas às exportações de outubro de 2017.

Ainda de acordo com os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), as receitas foram de US\$ 619,32 milhões, queda de 11,28% em relação ao mês anterior, mas aumento de 3,32% na comparação com outubro de 2017.

Mesmo com esse recuo de outubro, no acumulado do ano os resultados ainda são positivos. Nos dez primeiros meses de 2018 foram exportadas 1,33 milhão de toneladas, aumento de 10,53% em relação ao mesmo período de 2017. As receitas obtidas até o momento somam US\$ 5,35 bilhões, 8,70% acima do ano anterior.

Os cinco principais destinos externos da carne bovina brasileira responderam por 62,88% das receitas de outubro. A China continua se destacando pelo crescimento das compras de carne brasileira: aumento de 56,72% em termos de valor e de 53,81% em quantidade, quando comparado com o mesmo mês do ano passado. Outros destaques positivos são Chile (crescimento de 62,99% em valor e de 78,03% em quantidade), Emirados Árabes Unidos (73,88% em valor e 85,48% em quantidade) e Arábia Saudita (83,11% em valor e 112,24% em quantidade).

Carne bovina: Brasil – Principais destinos das exportações – Outubro/2018		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	141.836.068,00	31.084
Hong Kong	130.177.375,00	37.095
Egito	63.652.736,00	22.321
Chile	31.430.060,00	8.194
Irã	22.352.419,00	5.930
Demais países	229.874.785	56.736
Total	619.323.443,00	161.360

Fonte: MDIC / Comex Stat.

Nas duas primeiras semanas de novembro (6 dias úteis) registrou-se aumento significativo na média diária de embarques de carne bovina *in natura* em relação a outubro: 41,02% em valor e 36,68% em quantidade, segundo os dados preliminares do MDIC. Na comparação com novembro de 2017 também se observam variações positivas: 37,98% em valor e 46,32% em quantidade.

Depois de quatro meses com resultados bastante positivos, as exportações catarinenses de carne bovina voltam a registrar números negativos. Em outubro foram embarcadas 427,22 toneladas, queda de 30,42% em relação ao mês anterior, mas ainda 12,28% acima do que foi exportado em outubro de 2017. As receitas foram de US\$ 1,22 milhão, 35,57% abaixo do mês anterior e 2,91% menores que outubro de 2017.

No acumulado de janeiro a outubro, Santa Catarina exportou 4,03 mil toneladas de carne bovina, com receitas de US\$ 12,68 milhões, aumento de 141,89% em valor e 152,39% em quantidade, quando comparado ao mesmo período do ano anterior.

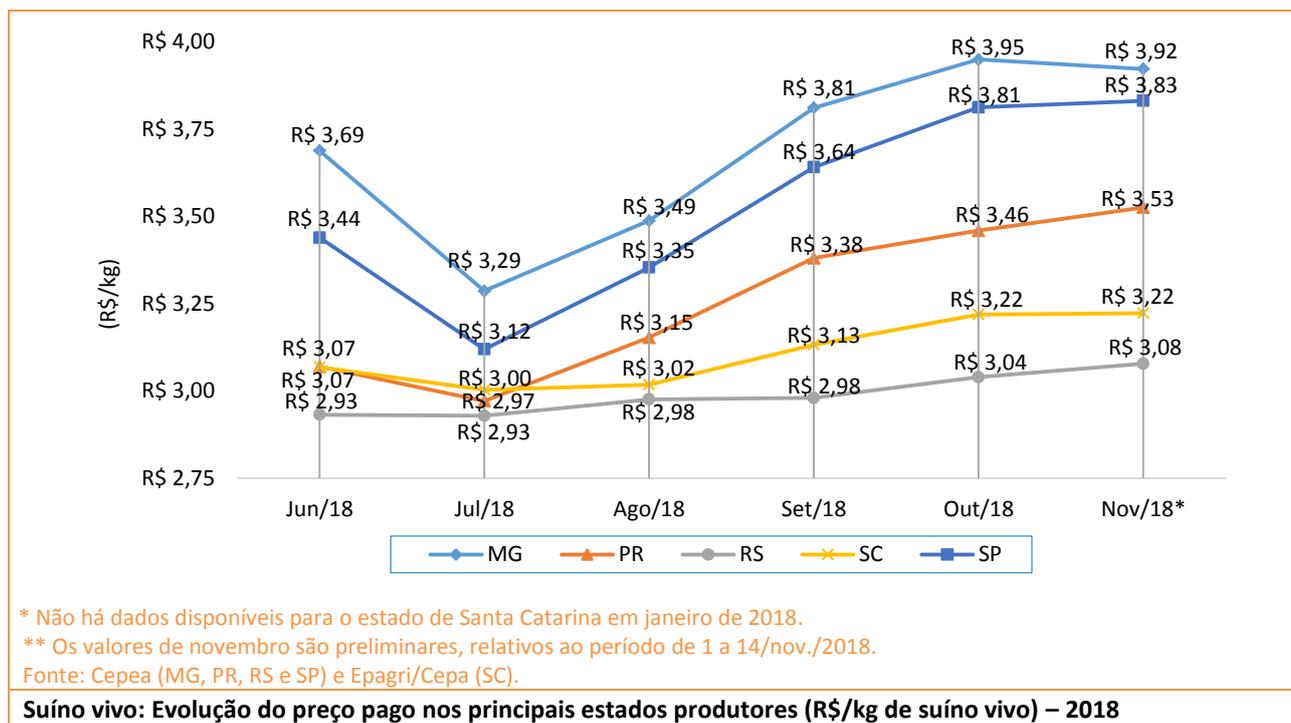
Segundo os números preliminares da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais divulgados pelo IBGE em meados de novembro, no 3º trimestre de 2018 foram abatidos no Brasil 8,28 milhões de bovinos, aumento de 7,2% em relação ao trimestre anterior e de 3,6% em comparação ao 3º trimestre de 2017. A produção de carne atingiu 2,10 milhões de toneladas de carcaças no 3º trimestre, o que representa um aumento de 11,0% em relação ao trimestre anterior e incremento de 4,2% na comparação no 3º trimestre de 2017.

Suinocultura

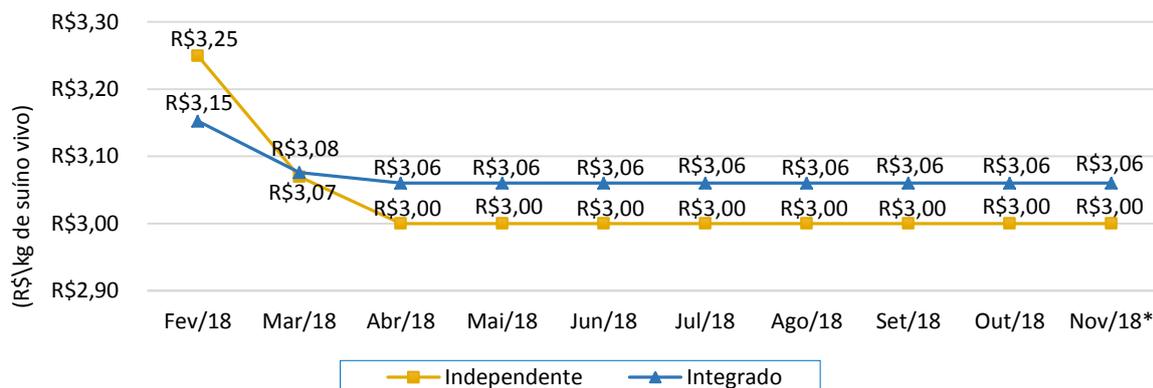
Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Após um mergulho profundo durante todo o primeiro semestre, desde julho os preços do suíno vivo vinham se recuperando gradativamente, com aumentos bastante significativos em alguns casos. Contudo, embora na maioria dos estados ainda predomine o movimento de alta, o mesmo perdeu força em novembro, levando a variações menos intensas em relação ao mês anterior: 1,92% no Paraná, 1,25% no Rio Grande do Sul, 0,49% em São Paulo e 0,11% em Santa Catarina. Minas Gerais, por sua vez, apresentou queda de 0,68%.

Na comparação com os preços praticados em novembro de 2017, os resultados são menos favoráveis e todos os estados apresentam defasagens: -9,10% no Rio Grande do Sul, -8,31% em Santa Catarina, -5,94% em São Paulo, -4,69% no Paraná e -3,65% em Minas Gerais. Ressalta-se que essa diferença diz respeito aos valores nominais, sendo necessário levar em consideração a inflação do período. Segundo o IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,56%.



Pelo oitavo mês consecutivo, os preços se mantêm inalterados em Chapecó, praça de referência para o suíno vivo em Santa Catarina. Em relação a novembro de 2017, os preços atuais apresentam defasagens de -10,45% para os produtores independentes e -7,83% para os integrados.

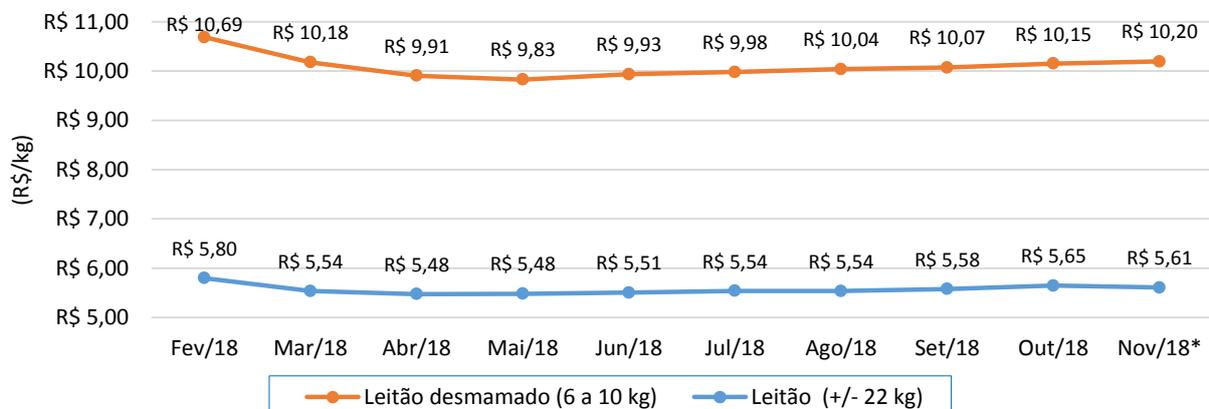


* Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/nov./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Suíno vivo: Chapecó – Preço médio mensal para produtor independente e integrado – 2018

Em novembro, os preços dos leitões apresentam comportamentos distintos de acordo com a categoria. Os leitões de 6 a 10kg seguem a tendência de alta que vem sendo observada desde meados deste ano e registram alta de 0,43% em relação a outubro. Já no caso dos leitões com +/-22kg, observa-se queda de 0,66%. Na comparação com novembro de 2017, as duas categorias estão com os preços defasados: -7,66% para leitões de 6 a 10kg e -7,60% para leitões de +/-22kg.



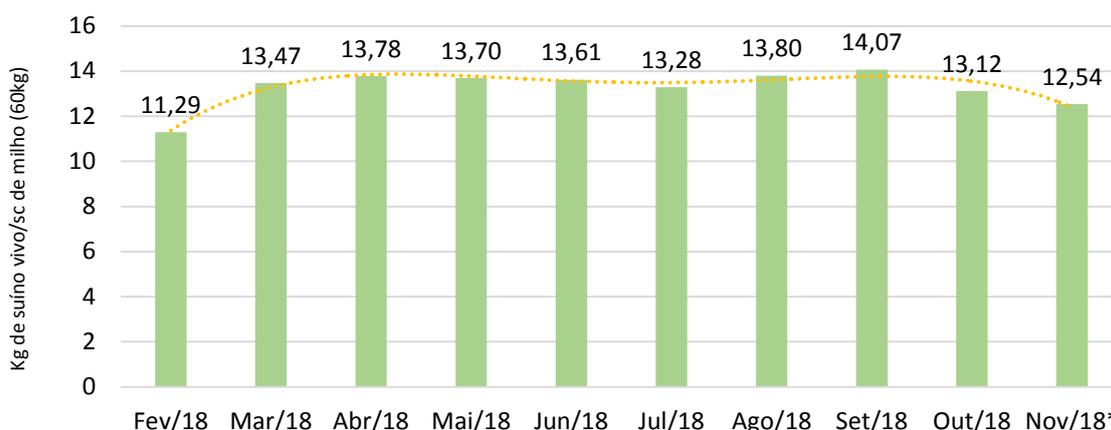
* Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/nov./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Leitões: Santa Catarina – Preço médio mensal por categoria – 2018

Em outubro, o Índice de Custos de Produção do Suíno (ICPSuíno), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, registrou queda de 2,69% em relação ao mês anterior. No ano, esse indicador acumula alta de 13,30%, principalmente em função da elevação dos custos com alimentação (12,99%). A variação acumulada de novembro de 2017 a outubro de 2018 é de 15,80%.

A relação de equivalência insumo/produto, índice elaborado a partir dos preços do suíno vivo e do milho no atacado, ambos para a região de Chapecó, voltou a cair em novembro, assim como já havia ocorrido no mês anterior. Dessa vez, a queda é de 4,40%, resultante da redução no preço da saca de milho em igual percentual. Apesar do movimento de baixa nos dois últimos meses, a atual relação de equivalência é 19,50% superior àquela registrada em novembro de 2017.



Para o cálculo da relação de equivalência insumo/produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

* O valor de novembro é preliminar, relativo ao período de 1 a 14/nov./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Chapecó: Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – 2018

Após vários meses de predomínio das variações negativas, na primeira quinzena de novembro a maioria dos preços de atacado dos cortes suínos registraram altas. Dos cinco cortes acompanhados pela Epagri/Cepa, três apresentam elevação na comparação com o mês anterior: costela (2,28%), carcaça (1,56%) e lombo (0,46%). Por outro lado, carré e pernil seguem em queda: -1,68% e -0,59%, respectivamente.

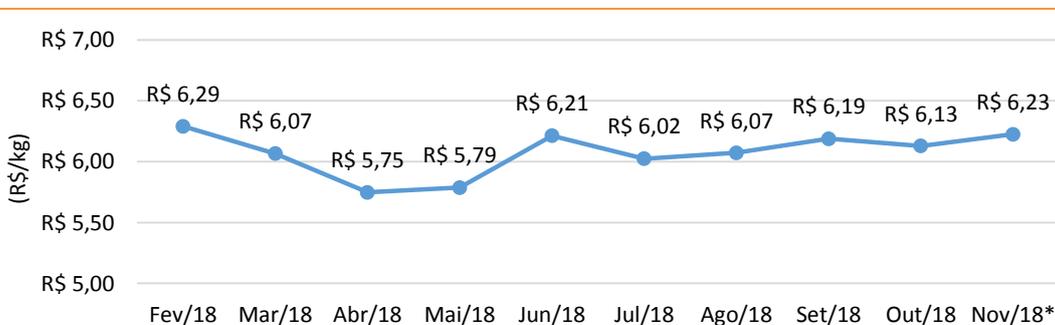
Carne suína: Santa Catarina – Preço médio estadual no atacado – 2018

Produto	Setembro/18	Outubro/18	Novembro/18 ⁽¹⁾
Carré (sem couro)	R\$ 7,69	R\$ 7,94	R\$ 7,810
Costela (sem couro)	R\$ 11,39	R\$ 11,54	R\$ 11,80
Lombo	R\$ 10,70	R\$ 10,69	R\$ 10,74
Carcaça	R\$ 6,19	R\$ 6,13	R\$ 6,23
Pernil (com osso e couro)	R\$ 6,91	R\$ 7,13	R\$ 7,09

⁽¹⁾ Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/nov./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

O gráfico apresentado na sequência traz a evolução do preço médio estadual no atacado da carcaça suína ao longo de 2018.

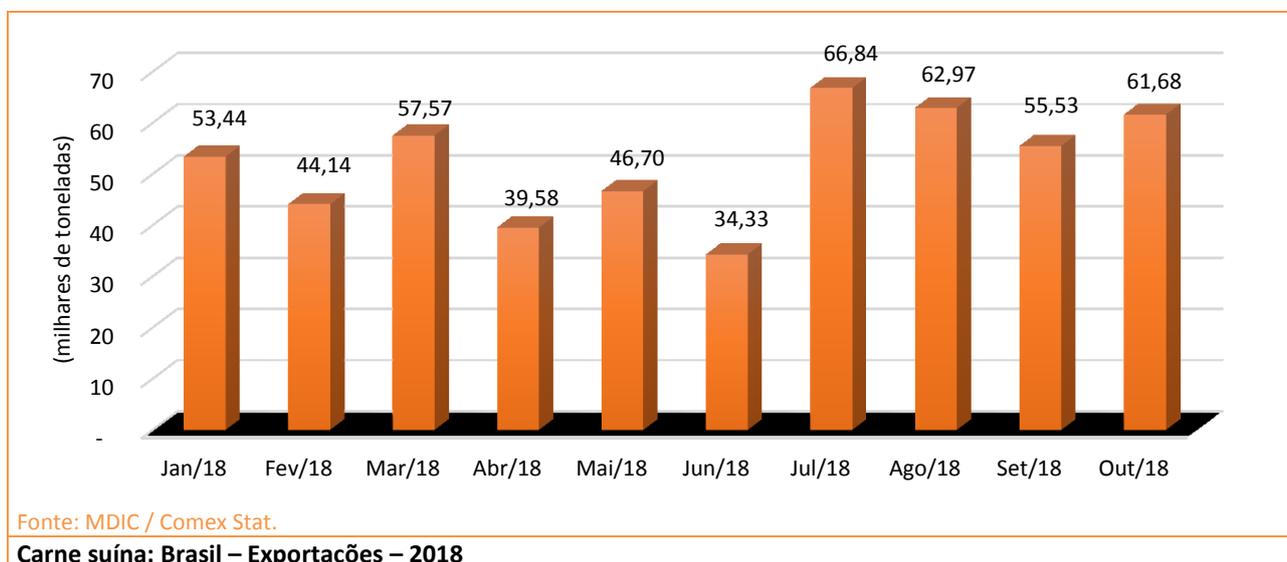


* O valor de novembro é preliminar, relativos ao período de 1 a 14/nov./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Carcaça suína: Santa Catarina – Preço médio mensal estadual no atacado – 2018

Depois de dois meses de queda, em outubro registrou-se crescimento na quantidade de carne suína exportada pelo Brasil. De acordo com o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), no mês passado foram embarcadas 61,68 mil toneladas de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), o que representa aumento de 11,07% em relação ao mês anterior e de 7,37% quando comparado a outubro de 2017.



As receitas de outubro foram de US\$ 106,69 milhões, alta de 13,85% na comparação com o mês anterior. Contudo, esses valores são 20,54% menores que os registrados em outubro de 2017.

No acumulado do ano (janeiro a outubro) foram exportadas 522,77 mil toneladas, -9,55% em relação ao ano anterior. As receitas somam US\$ 982,83 milhões, queda de 28,33% na comparação com o mesmo período de 2017.

Os cinco principais destinos externos da carne suína brasileira em outubro foram China, Hong Kong, Cingapura, Argentina e Chile, que responderam por 65,47% das receitas. As exportações para a China foram de 14,59 mil toneladas, impressionante crescimento de 475,12% em relação a outubro de 2017, amenizando os efeitos do embargo russo.

Segundo relatório do MDIC referente às duas primeiras semanas de novembro (6 dias úteis), a média diária de embarque de carne suína *in natura* apresenta aumento quando comparada ao mês anterior: 29,50% em valor e 26,40% em quantidade. Em relação a novembro de 2017, os resultados também são positivos: aumento de 3,47% no valor e de 36,19% na quantidade embarcada diariamente.

Assim como no restante do país, as exportações catarinenses de carne suína também apresentaram altas em outubro. Foram embarcadas 33,43 mil toneladas, montante 17,38% superior a setembro e 60,41% acima do que foi registrado em outubro de 2017.



As receitas de outubro foram de US\$ 56,55 milhões, 14,97% acima do obtido no mês anterior e 22,81% mais que em outubro de 2017.

Santa Catarina foi responsável por 54,20% do total de carne suína exportada pelo Brasil no último mês, respondendo por 53,00% das receitas.

De janeiro a outubro de 2018 Santa Catarina exportou 264,94 mil toneladas de carne suína, alta de 13,34% em relação ao mesmo período do ano passado. As receitas foram de US\$ 496,10 milhões, 9,19% menos do que foi obtido em igual período de 2017.

Esse desempenho deve-se, principalmente, às exportações para a China, que no acumulado do ano atingiram 95,21 mil toneladas e US\$ 182,01 milhões, o que representa acréscimos de 180,78% e 171,82%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2017. Com isso, a China tornou-se o principal destino externo da carne catarinense.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses em outubro são responsáveis por 70,60% das receitas e 67,64% da quantidade.

Carne suína: Santa Catarina – Principais destinos das exportações – Outubro de 2018		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	17.712.122,00	10.114
Chile	7.022.052,00	3.781
Hong Kong	6.005.473,00	3.756
Argentina	5.979.910,00	3.117
Filipinas	3.202.745,00	1.844
Outros países	16.623.834,00	10.816
Total	56.546.136,00	33.428

Fonte: MDIC / Comex Stat.

Em outubro, todos os importadores de carne suína catarinense registraram variação positiva em termos de quantidade, quando comparados ao mesmo mês de 2017, com destaque para a China, que aumentou em 351,52% suas aquisições. Em termos de valores também predominam os resultados positivos, com exceção de Hong Kong e Cingapura, cuja receita gerada em outubro foi menor que no mesmo mês de 2017. O destaque mais uma vez ficou por conta da China, que ampliou em 360,32% o valor adquirido em carne suína do catarinense.

Além dos bons resultados das exportações de outubro, outra boa notícia para o setor foi o anúncio do governo russo de retomada das importações de carne suína do Brasil. Por enquanto, somente quatro plantas frigoríficas do Rio Grande do Sul foram credenciadas para a venda de carne suína para a Rússia. Contudo, acredita-se que em breve esse mercado deve ser reaberto também para abatedouros instalados em Santa Catarina e outras unidades da federação. Os embarques para a Rússia estavam suspensos desde dezembro de 2017.

Esse anúncio gera expectativas favoráveis para o setor em relação ao próximo ano, especialmente no que diz respeito à recuperação das exportações e, com isso, “enxugamento” do mercado interno. Soma-se a isso a perspectiva de manutenção dos elevados níveis de exportações para a China, que em 2018 se tornou o principal destino da carne suína brasileira e catarinense. O recente surto de peste suína africana que vem se espalhando pela China poderá ter efeitos significativos na produção daquele país e, dessa forma, favorecer a suinocultura brasileira, principalmente em 2019.

Analistas do Rabobank avaliam que a China deverá sofrer redução de 4% a 10% na oferta de carne suína no próximo ano, em razão do vírus que atinge o plantel do país. Segundo esses analistas, o Brasil possui boas condições para atendimento da demanda chinesa, principalmente em função da “guerra comercial” entre China e Estados Unidos, que levou o governo chinês a sobretaxar a carne suína estadunidense, tornando o produto brasileiro mais competitivo. Contudo, especialistas em comércio internacional tem expressado alguma preocupação quanto à eventuais abalos na relação comercial do Brasil com a China. De qualquer forma, somente após a definição da nova política externa do país será possível avaliar se a transição, de fato, pode resultar em algum empecilho às exportações brasileiras.

Em meados de novembro, o IBGE divulgou os números preliminares da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais. Segundo a pesquisa, no 3º trimestre de 2018 foram abatidos 11,52 milhões de suínos no Brasil, aumento de 6,5% em relação ao trimestre anterior e de 4,4% na comparação com o mesmo período de 2017. O peso das carcaças alcançou 1,04 milhão de toneladas no 3º trimestre deste ano, aumento de 5,9% em relação ao trimestre anterior e de 4,9% na comparação com o 3º trimestre de 2017. Esses resultados contradizem previsão do Rabobank, divulgada recentemente, de que o crescimento da produção brasileira de carne suína deveria desacelerar no 2º semestre e fechar o ano no mesmo patamar de 2017. Segundo o relatório daquela instituição, essa redução no ritmo de crescimento seria uma resposta da indústria às margens de lucro negativas registradas durante o 1º semestre. Resta aguardar os resultados do último trimestre do ano para saber se a projeção se confirma.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

De janeiro a agosto deste ano, a quantidade de lácteos importada pelo Brasil foi sempre inferior à do mesmo mês de 2017, com meses em que o decréscimo foi muito expressivo. Isso se reverteu em setembro e, de maneira ainda mais significativa, em outubro, quando a quantidade importada foi recorde do ano: 106% maior que a de outubro de 2017.

Tabela 1. Lácteos: Brasil – Importações de⁽¹⁾ 2016 a 2018

Mês	Milhão de kg			Variação %	
	2016	2017	2018	2016-17	2017-18
Janeiro	8,4	19,0	8,4	126,3	-55,9
Fevereiro	7,5	16,3	10,3	116,8	-36,7
Março	16,9	15,5	9,0	-8,3	-41,6
Abril	21,2	13,5	12,0	-36,1	-11,6
Mai	25,8	17,7	13,4	-31,3	-24,2
Junho	25,2	17,3	11,1	-31,2	-36,1
Julho	23,9	16,0	13,8	-33,0	-13,6
Agosto	25,7	13,5	13,3	-47,5	-1,5
Setembro	28,9	10,4	11,9	-64,0	14,1
Outubro	19,2	9,0	18,5	-53,4	106,0
Até outubro	202,6	148,2	121,6	-26,9	-17,9
Novembro	20,6	9,1	0,0	-55,8	-100,0
Dezembro	19,4	9,1	0,0	-53,2	-100,0
Total anual	242,6	166,3	121,6	-31,4	-26,9

⁽¹⁾ Posição - SH 4 dígitos: 0401 a 0406.

Fonte: MDIC/SECEX – Comex Stat

Mesmo com esse crescimento recente, é pouco provável que as importações de 2018 alcancem os 166,3 milhões de quilos importados em 2017. Para isto, as importações de novembro e dezembro terão que ficar, em média, acima de 22,3 milhões de quilos. Este patamar foi alcançado apenas em alguns meses de 2016, quando as importações brasileiras foram influenciadas por alguns fatores não existentes agora, como a baixa oferta interna de leite e a grande elevação dos preços internos de alguns lácteos. Nesse momento, a situação é inversa, com a oferta interna de leite crescente e decréscimo sensível dos preços dos lácteos. Mesmo assim, o saldo da balança comercial de lácteos pode ser ainda mais negativo que o de 2017.

Tabela 2. Lácteos: Brasil - Balança comercial de 2014 a 2018

Ano	Milhão de kg		
	Importações	Exportações	Saldo
2014	106,8	82,8	-24,0
2015	134,3	73,6	-60,7
2016	242,6	52,6	-190,0
2017	166,3	36,0	-130,3
Período Jan/out.			
2014	86,6	68,9	-17,7
2015	113,1	60,0	-53,1
2016	202,6	41,9	-160,7
2017	148,2	29,5	-118,7
2018	121,6	17,4	-104,3

Fonte: MDIC/SECEX – Comex Stat

No que diz respeito à origem das importações brasileiras de lácteos em 2018, a Argentina e o Uruguai se-guem como principais fornecedores. Depois de recuperar a hegemonia perdida para o Uruguai em 2016, a Argentina ampliou ainda mais a sua participação nas importações brasileiras.

Tabela 3. Lácteos; Brasil: Importações segundo as principais origens – 2016-2018

País	Milhão de kg			Participação %		
	2016	2017	2018 ⁽¹⁾	2016	2017	2018 ⁽¹⁾
Argentina	94,3	76,5	68,0	38,9	46,0	55,9
Uruguai	125,0	71,4	39,1	51,5	42,9	32,1
Chile	6,0	3,8	2,9	2,5	2,3	2,3
Nova Zelândia	3,9	3,2	2,6	1,6	1,9	2,2
França	1,9	2,3	2,3	0,8	1,4	1,9
Paraguai	1,2	0,7	2,2	0,5	0,4	1,8
EUA	7,0	4,0	1,4	2,9	2,4	1,2
Holanda	0,8	1,4	1,2	0,3	0,8	1,0
Outros	2,5	3,0	2,1	1,0	1,8	1,7
Total	242,6	166,3	121,6	100	100	100

⁽¹⁾ Período de janeiro a outubro.

Fonte: MDIC/SECEX – Comex Stat

Nesse momento, exceto em situações bem particulares, é pouco razoável estabelecer relações entre a queda dos preços internos com o fato de as importações estarem maiores que no mesmo período do ano passado. O fundamental é a combinação do crescimento na quantidade de leite recebida pelas indústrias com a fraca demanda interna. Com isso, eram previsíveis as atuais reduções dos preços de alguns lácteos no atacado e dos valores recebidos pelos produtores de leite.

No caso dos preços recebidos pelos produtores catarinenses, a próxima reunião do Conseleite/SC, a ser realizada dia 22/11, em Chapecó, deverá trazer melhores parâmetros. Mas, o mais provável é que o preço final de outubro fique abaixo do que havia sido projetado na reunião anterior (R\$1,2423/litro), e que o preço o projetado para novembro, que é um primeiro parâmetro para os preço que os produtores receberão em dezembro, caia de maneira mais significativa.

Tabela 4. Leite padrão: Santa Catarina - Preços de referência do Conseleite - 2015-18

Mês	R\$/litro na propriedade, com Funrural incluso				Var. %	
	2015	2016	2017	2018	2017/16	2018/17
Janeiro	0,7744	0,9546	1,0783	0,9695	13,0	-10,1
Fevereiro	0,7866	1,0154	1,1096	1,0128	9,3	-8,7
Março	0,8614	1,0652	1,1412	1,0857	7,1	-4,9
Abril	0,8843	1,1166	1,1693	1,1295	4,7	-3,4
Maio	0,8875	1,1430	1,1733	1,1522	2,7	-1,8
Junho	0,9347	1,3363	1,1394	1,3454	-14,7	18,1
Julho	0,9278	1,5500	1,0617	1,4050	-31,5	32,3
Agosto	0,9131	1,3248	1,0189	1,2997	-23,1	27,6
Setembro	0,8978	1,1051	0,9374	1,2582	-15,2	34,2
Outubro	0,9024	1,0461	0,9550	1,2423	-8,7	30,1
Novembro	0,9308	0,9993	0,9977		-0,2	
Dezembro	0,9387	1,0333	0,9788		-5,3	
Média	0,8866	1,1408	1,0634		-6,8	

Outubro/2018: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC